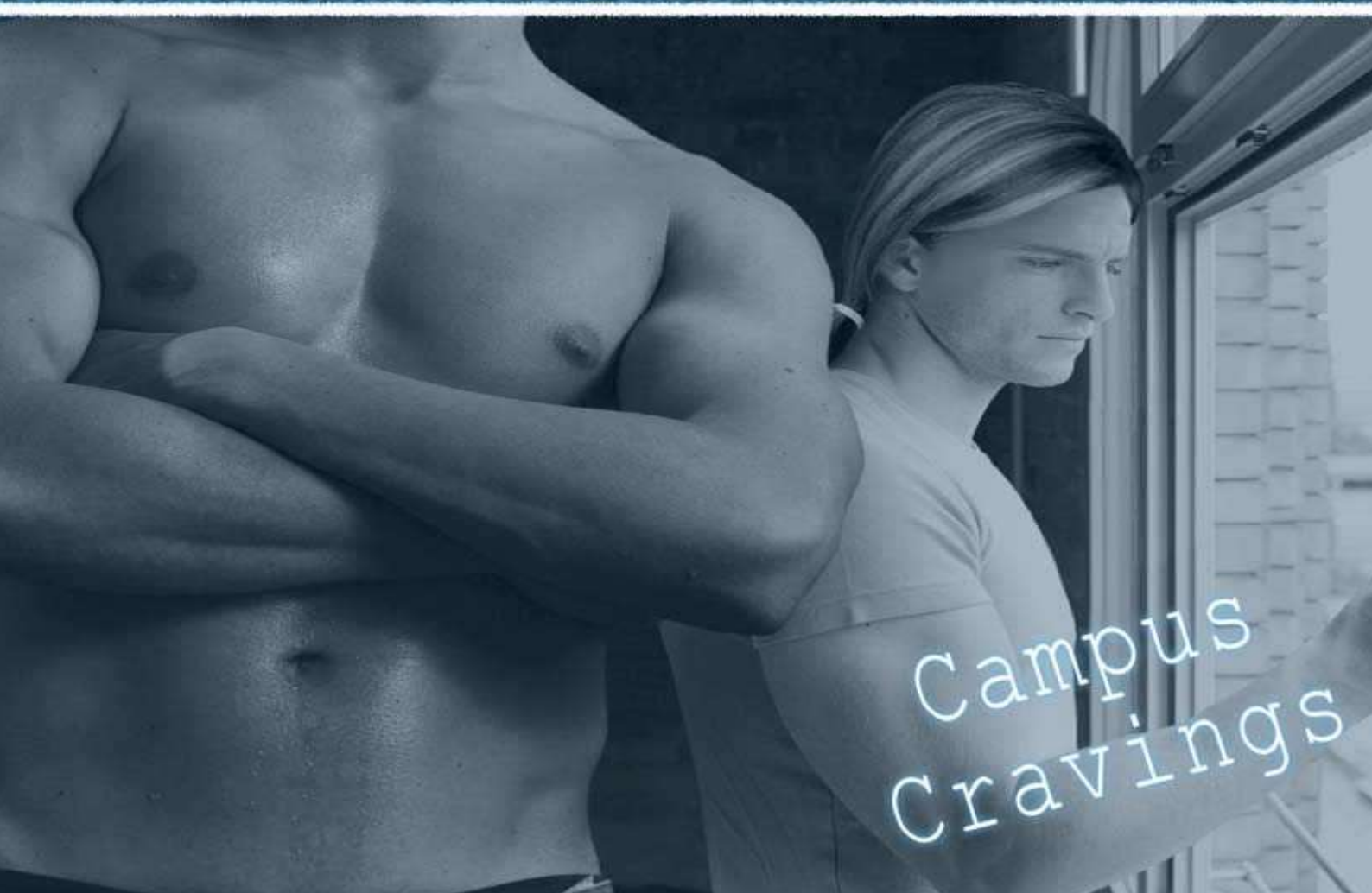




Carol Lynne

BROKEN POTTERY



Campus
Cravings



Cerâmica Quebrada

Disponibilização e tradução: Ana Paula Batista
Revisão: Rachael Moraes

RESUMO

O Professor Daniel Willis está acostumado a ter tudo ordenado ao seu redor. Um submisso por natureza, Daniel necessita do amor forte e isso só o obterá se vier com dominação. Quando se envolve com um dominante abusivo não consegue ver nenhuma saída.

Tony Bianchi é um dominante na sala de reuniões, mas jamais pensou em transladar isso ao dormitório. Depois de sua primeira reunião, Tony sabe que quer ao Daniel, com seu olho arroxeadado e tudo. Protetor daqueles a quem ama Tony não deixará que ninguém faça dano a Daniel outra vez, inclusive se isso significar aceitar converter-se em um abusador.

CAPÍTULO UM

Enquanto Tony Bianchi se sentava em outra reunião de negócios, sua mente começou a vagar para o Daniel Willis. Olhou o relógio de novo. Faltavam ainda três horas para poder recolher ao Daniel no hospital e levá-lo para a casa. Cada tarde durante as duas últimas semanas, Tony se tinha sentado junto à cama de hospital em que se encontrava o machucado moço, tentando em vão que se abrisse com ele. Daniel ainda não lhe havia dito quem o tinha algemado e o tinha golpeado sem sentido.

Voltando para trás, Tony recordava o dia como se fosse ontem. Tinha saído da festa de boas-vindas do Charlie Salinger para assegurar-se de que Daniel estava bem. Chegando diante do edifício de apartamentos, Tony olhou ao redor, descobrindo finalmente o Volkswagen escaravelho vermelho brilhante do Daniel. Ao saber que estava em casa, Tony saiu de seu sedan e entrou no pequeno edifício de apartamentos. Procurando nas caixas de correio junto à porta viu que D. Willis vivia no 3C. Optou pela escada, e subiu em um segundo os três lances. Encontrando o apartamento do Daniel, chamou várias vezes. Quando ninguém respondeu, tentou a maçaneta e se surpreendeu ao encontrar que a porta estava aberta.

—Daniel? Sou Tony Bianchi, o amigo do Rocco.

Entrou no apartamento devagar, advertindo que a mesa de centro estava caída. Arrepiaram-lhe os cabelos da nuca e se dirigiu diretamente para o que assumiu que era o banheiro ou o dormitório.

—Daniel?

Tony deu um empurrão suave na porta, abrindo-a. A respiração lhe congelou no peito ante a imagem que encontrou. Com as extremidades estendidas, algemado na cama, Daniel nu e estava sangrando, parecia sem vida. Tragando a bÍlis, Tony se aproximou para comprovar o pulso. Foi recompensado com uma fraca, mas estável palpitação. Tirou o telefone e chamou a polícia. Procurou desesperadamente ao redor do quarto a chave para liberar o homem inconsciente de suas algemas. Tony estava apavorado.

—Merda, onde está? —perguntou em voz alta.

Estava saindo do dormitório quando ouviu um gemido que vinha do Daniel. Tony correu de volta e se ajoelhou ao lado da cama.

—Daniel? Disse algo? — viu como o corpo do Daniel ficava ligeiramente rígido. — Sou Tony, o amigo do Rocco.

Abrindo um inflamado olho o suficiente para ver, Daniel falou outra vez.

—A chave.

—Sim, sinto muito, estou tentando encontrá-la — Tony afastando o emaranhado e ensangüentado cabelo loiro da golpeada cara de Daniel.

—Está em meu pênis.

Os olhos do Tony se abriram.

—Merda — disse incapaz de acreditar no que tinha ouvido. Antes de olhar para baixo, Tony teve que assegurar-se.

—Diz que a chave está em seu pênis?

Daniel lhe deu uma leve cabeçada.

Suspirando, Tony procurou para baixo, estremecendo-se, pela pele quente e pegajosa. Sem dúvida a parte de diante do Daniel estava tão mau como seu parte posterior. Inseguro de onde exatamente estavam as feridas, Tony tentou não tocar na pele do Daniel mais que o indispensável. Passando um dedo sobre o pênis do Daniel, Tony tragou e rapidamente encontrou a cabeça. Introduzida na fatia sobre a coroa do pênis estava à chave das algemas. Sem suficiente metal para

agarrar e atirar, Tony olhou de novo os olhos fechados do Daniel.

—Sinto muito, necessito...

Um grunhido de consentimento surgiu do Daniel enquanto Tony punha ambas as mãos sobre seu sangrento membro. Uns gestos de bombeamento, e a chave se sobressaíram da cabeça. Usando sua outra mão, Tony agarrou o metal e devagar tirou a chave. Exalando, Tony abriu as algemas das mãos justo quando a polícia entrava no dormitório.

—Não o toque — lhe advertiu o agente, empunhando sua arma regulamentar. — Afaste-se da vítima.

Com as pernas do Daniel ainda algemadas à cama, Tony lhe estendeu a chave.

—Tentava lhe ajudar — respondeu cáustico.

O segundo oficial falou no microfone de rádio assegurado a seu ombro, e segundos mais tarde uma equipe de médicos entrou no quarto levando uma maca. Tony podia ver como olhavam Daniel enquanto opinavam que estava grave. Tony deu graças a Deus quando os paramédicos liberaram Daniel de tudo e lhe deram a volta.

Outra vez a bÍlis se elevou na garganta do Tony ao ver o corpo golpeado do Daniel. Havia uma nota grampeada em seu peito com quatro palavras escritas nela, NÃO CONTE OU VERÁS.

O paramédico elevou a vista para os policiais.

—Nunca tinha visto nada como isto. Querem que esperemos até que possam fazer algumas fotos?

—O que! — Tony lhes gritou — Que se fodam às fotos. Levem-no para o hospital. Se morrer porque o atrasam, demandarei à cidade inteira. — Voltou-se para o paramédico, mas foi interceptado por um dos policiais, o segundo, que passou por cima do grupo. Tony tinha dificuldades para respirar enquanto via os médicos avaliando o estado do Daniel.

Sacudindo sua cabeça, um dos médicos olhou ao outro.

—Teremos que deixar a nota assim até que cheguemos à sala de urgências, no hospital podem fazer as fotos.

Os policiais sujeitaram ao Tony e ficaram entre ele e os paramédicos. Em poucos minutos, Daniel tinha uma via e com cuidado o prenderam à maca. Tony tentou lhes seguir, mas uma mão em seu peito o parou.

—Temos algumas pergunta que lhe fazer. Podemos fazê-lo aqui ou na delegacia de polícia.

Levantando a cabeça, Tony viu as caras de seus chefes do departamento. Claramente haviam feito uma pergunta. Envergonhado por não ter ouvido uma palavra da reunião, esfregou-se os cansados olhos.

—Sinto muito. Não tenho um bom dia, importa-lhes se voltamos a planejar para na quinta-feira às dez?

Apesar de ir-se queixando, sua equipe abandonou o escritório. Tony olhou a vazia mesa de reuniões e deixou cair à cabeça nos braços cruzados. Sempre sentia isto ao pensar naquele dia. Tinha terminado por chamar Joe e Rocco na festa do Charlie e lhes pedir que fossem ao hospital até que pudesse terminar com o interrogatório.

Após, a investigação não tinha avançado muito.

Embora Daniel soubesse quem o tinha golpeado quase até a morte, não falava. Inclusive depois de incontáveis sessões com o Joe, os lábios do Daniel ainda estavam selados. Um par de dias depois da surra lhes tinham informado que o estúdio do Daniel na faculdade tinha sido arrombado, todas as cerâmicas destruídas, junto com as esculturas pessoais do Daniel. Tony recordou a escultura que tinha visto aquela primeira vez. Os dois amantes com os braços entrelaçados que lhe tinham deixado sem fôlego, agora estava no fundo do lixo do colégio.

Decidindo tomar o dia livre, Tony se levantou e recolhendo umas pastas, meteu-as em sua carteira e parou no escritório do Estelle.

—Lamento-o, querida, estarei fora o resto do dia.

Com seus pequenos óculos de leitura assentado ao final do nariz, Estelle elevou a vista de seu computador. Tinha sido como uma mãe para Tony durante os últimos anos e ele, imediatamente, notou sua preocupação.

—Não estará doente?

—Não, levarei Daniel para casa — as palavras esquentaram seu peito enquanto as dizia.

—Como vai?

—Fisicamente bem, mentalmente e emocionalmente, ele ainda tem muito caminho que percorrer.

—Bem, vai cuidar dele e guardarei o castelo —lhe enviou uma piscada.

Tony a devolveu. Podia estar tentando lhe tranquilizar, mas ele sabia que era de verdade capaz de guardar o castelo. Se não estivesse tão perto da aposentadoria, a teria feito sua vice-presidente em qualquer momento. Agachando-se para lhe dar um beijinho na bochecha, Tony se encaminhou para o elevador.

Durante o passeio ao hospital, perguntou-se como se adaptaria Daniel a vida com ele. Depois de muitas noites de conversas, Tony tinha convencido finalmente Daniel para ficar em um dos quartos para convidados de sua casa. Tony tinha saído para comprar uma poltrona nova e uma televisão para o quarto. Agora tudo o que faltava era o convidado.

Estacionando na garagem subterrânea, Tony ia assobiando enquanto entrava no hospital. Ele e Daniel se conheceram bastante nas semanas do acidente. Nem sempre tinha sido como tinha esperado. A princípio, Daniel tinha estado tão deprimido que não havia dito uma palavra. Durante três dias Rocco, Joe ou Tony se sentaram junto a sua cama. Daniel nem sequer os olhava. Finalmente na quarta noite, Daniel abriu os olhos depois de uma sesta e olhou Tony.

—Por que estás aqui? — tinha-lhe perguntado com a cara ainda tão torcida que apenas parecia humana.

—Tenho que estar aqui, porque apesar do que possa pensar, necessita-me aqui.

—Não lhe necessito — respondeu Daniel tentando girar para distanciar-se — Me sinto tão envergonhado — sussurrou.

Andando ao redor da cama, Tony se ajoelhou ao lado de Daniel e o olhou nos olhos.

—Vim para te cuidar — afastou o comprido cabelo do Daniel de sua cara — Por favor não te envergonhe. Só me deixe te cuidar.

Apesar das contusões e do inchaço, Tony viu aparecer uma ligeira expressão de tranquilidade na cara do Daniel. Tony recordou o que Joe tinha lhe dito sobre a necessidade sexual do Daniel de ser dominado. O modo tranqüilo em que Daniel pareceu relaxar-se entre os lençóis, disse ao Tony que era muito mais que o apetite sexual o que conformava a natureza total do Daniel.

—Me deixarás te cuidar?

Daniel o olhou durante um comprido momento.

—Sim, de acordo. Pode ficar e me cuidar.

Tony sabia que Daniel tinha entendido mal, mas não quis empurrar muito logo. Só tinha passado uma semana e meia desde que lhe havia dito que queria que ficasse em sua casa até que se recuperasse por completo.

Saindo do elevador, Tony saudou as enfermeiras ao passar junto a sua mesa.

—Estão prontas para desfazer-se dele, senhoras?

—Não se isso significa que você deixará de vir — lhe disse uma das enfermeiras com uma piscada.

—Ah, temo-me que meu coração já está em processo de captura — disse Tony com um sorriso zombador. Sabia que isto era verdade, também. Havia sentido algo a primeira vez que pôs seus olhos sobre Daniel Willis em seu estúdio de arte. Tony pensou então que poderia haver algo

especial entre eles, mas Daniel tinha tido medo.

Era esse medo o que conduziu ao Tony a noites desveladas. Ele soube naquela primeira reunião que alguém tinha golpeado ao Daniel, mas não fez nada mais que dar seu cartão ao homem. Deveria ter seguido ao Daniel a casa aquela noite, e cada noite depois.

Tony se surpreendeu ao ver o Daniel vestido com a roupa que Tony havia trazido uns dias antes. Estava sentado em uma cadeira olhando fixamente à janela. Tony se deu um segundo para admirar a beleza do outro homem. As contusões quase tinham desaparecido e o atrativo do Daniel tinha retornado quase em todo seu esplendor. O dano e a subsequente perda de um rim levaria mais tempo para curar-se, mas finalmente tinham lhe dado alta essa manhã.

Daniel girou a cabeça, sentindo claramente que tinha mais alguém na habitação, sua cara se iluminou quando viu o Tony.

—Está preparado?

—Certamente. Espero não ver o interior de um hospital nunca mais — Daniel ficou de pé e Tony se precipitou para lhe agarrar seu braço.

—Porque não se senta um momento e irei procurar uma cadeira de rodas. Não lhe deixarão sair sem uma de todos os modos.

Daniel sacudiu sua cabeça.

—Já me sentei o suficiente. Iremos andando até a cadeira.

Tony riu em silêncio enquanto passava um braço ao redor de Daniel. Saíram até o posto das enfermeiras, Tony não podia calcular quanto peso tinha perdido Daniel. Sorriu abertamente, pensando o bem que ia passar alimentando ao pequeno homem.

Daniel se adaptou à poltrona em seu novo dormitório, Tony se distanciou.

—Farei um chá quente.

—Café, por favor — suplicou Daniel.

Tony sabia que não podia lhe dar nada com cafeína, mas talvez pudessem chegar a um entendimento.

—Tenho descafeinado. Serve?

—Deus sim. Não sou um viciado só necessito do sabor.

—Volto em seguida — Tony lhe piscou os olhos saindo do quarto.

Enquanto preparava o café, olhou pela janela. Lentamente o tempo se fazia mais quente e antes que se dessem conta, a primavera estaria aqui. Tony amava seu jardim e desfrutava trabalhando fora nos meses mais quentes. Pensar em trabalhar fora levou sua mente ao exercício. Não tinha tido um bom treinamento desde o incidente do Daniel. Possivelmente seria bom falar com o doutor do Daniel para ver quando poderia começar um programa de exercício.

O som do alarme da cafeteira lhe sobressaltou. Rindo, sacudiu a cabeça. Agarrou uma bandeja da parte de acima do refrigerador, encheu uma taça e se perguntou como Daniel tomava o café. Sentia não ter em casa um sistema de inter-comunicadores, assim seria possível chamar e perguntar. Decidindo que melhor passar-se que ficar curto, Tony pôs uma pequena jarra de nata e adoçante sobre a bandeja. Acrescentando um pequeno prato de bolachas, Tony levou a bandeja escada acima.

—Ah, Daniel tens um telefone celular?

—Não — respondeu Daniel, mostrando-se mais que um pouco confuso.

—Importa-te se lhe consigo um? É muito mais barato que um sistema de inter-comunicadores. Tony serviu ao Daniel uma taça de café.

—Como toma?

—Huh?

Tony sustentou a taça.

—Tenho nata e adoçante, se quiser.

—Uh, não, quero-o só. Por que necessito um telefone?

Depois de lhe dar a taça, Tony serviu o seu e se sentou sobre a cama.

—Dei-me conta de que não tenho uma extensão de telefone nesse quarto. Terei que trabalhar a maior parte dos dias e quero me assegurar que pode te pôr em contato comigo se o necessitar.

Daniel tentou sem êxito ocultar sua risada detrás da taça.

—Posso andar até um telefone, Tony.

Tony se encolheu e tomou um sorvo.

—Me sentiria melhor. Meu ginásio está no porão e não posso te ouvir se gritas. Inferno, só diz que sim e pararei a colocação de microfones ocultos.

—Sim — sussurrou Daniel com um sorriso zombador.

A luz do sol parecia encher a alma do Tony cada vez que Daniel ria. Não querendo nada mais que ter ao outro homem entre seus braços Tony ficou de pé.

—Quer deitar um pouquinho?

—Que horas são? — perguntou Daniel, terminando seu café e pondo a taça vazia sobre a bandeja.

—Quase as cinco. Pensei fazer um jantar rápido ao redor das sete, se te parecer bem.

Daniel tentou ficar de pé, mas Tony notou que cambaleava-se. Deu uns passos e passou os braços ao redor do pequeno homem.

—Só me deixe te ajudar.

Levando Daniel para a cama, Tony afastou as mantas e se agachou para lhe tirar os sapatos.

—Com roupa ou sem? — perguntou Tony olhando nos olhos mais azuis que tinha visto alguma vez.

As bochechas do Daniel se avermelharam de vergonha.

—Sem elas, mas posso tirar sozinho.

Tony suspirou e deu uma cabeceada curta. Enquanto ficava de pé para recolher a bandeja não pôde evitar olhar a Daniel manobrando com a cremalheira. Já tinha conseguido tirar camisa e as magras e rosadas cicatrizes no corpo do Daniel onde tinha sido açoitado com uma vara romperam o coração do Tony.

Largando a bandeja, equilibrou-se sobre a cama.

—Aqui, me deixe te ajudar. Não tem sentido que lhe canse quando posso fazê-lo mais fácil.

Tony notou que Daniel punha os braços sobre seu peito para ocultar as cicatrizes assim que ele se ajoelhou.

—Não o faça — disse Tony, apartando as mãos do Daniel do magro torso.

—São feias — sussurrou Daniel.

Enquanto Tony mantinha os braços do Daniel ao lado, estudou as largas e finas marcas. Seguindo um impulso se aproximou e as beijou. A inalação rápida do Daniel lhe deu coragem e ele serpenteou com a língua seguindo o rastro rosado no peito do Daniel. Ah, Deus, sentia-se como no céu.

Liberando os pulsos do Daniel, Tony o rodeou com seus braços e enterrou sua cara no liso peito. Sabia que não podia fazer o que seu pênis exigia. Daniel não estava preparado para o que tinha em mente. Estava claro que Daniel gostava de seu toque, mas Tony procurava algo mais que um bom momento.

—Não lhe oculte de mim. Acredito que és absolutamente impressionante, com cicatrizes e tudo

— Tony se girou para olhar nos olhos do Daniel — Um dia, quando estiver preparado, te terei, mas esse dia não é hoje.

Daniel surpreendeu ao Tony acariciando sua bochecha e colocando um beijo sobre sua frente.

—Um dia, quando estiver preparado, lhe pedirei isso.

CAPÍTULO DOIS

—Olá? Daniel, sou eu.

Daniel sentiu sua cara avermelhar-se pela profunda voz sensual.

—Olá, Tony.

—Convidaram-nos para jantar na casa do Joe mais tarde. Rocco pensou que tu poderia gostar de trabalhar em seu estúdio com ele.

Mordendo seu lábio, Daniel pensou em colocar as mãos na argila. Ele a tinha abandonado mais que nenhuma outra coisa o mês passado.

—Não te importaria se eu me perco no estúdio?

—Por que me importaria? É o que você é.

Daniel teve que tomar um fôlego para acalmar-se. Tony era diferente de qualquer outro homem que ele alguma vez tivesse conhecido. Era muito bom para ser verdade, droga isso lhe assustava.

—Daniel? Está bem?

—Sim, eu gostaria de colocar minhas mãos na argila.

Tony resmungou algo que Daniel poderia jurar que pareceu como:

—Lamento que meu nome não seja de argila. Ele sorriu ao telefone.

—A que hora?

—Ao redor das seis?

—Estarei preparado — Daniel vacilou — obrigado.

Isto tomou ao Tony vários segundos para responder. Ao princípio Daniel pensou que talvez tivesse cortado a conexão.

—Você é bem-vindo. Verei-te em uma hora.

—Bem, adeus — Daniel desligou o telefone e se levantou da poltrona. Entrando no quarto de banho contínuo, começou a tomar banho antes de olhar-se no espelho. Sua cara era normal na parte de atrás, exceto pelo sinal ainda visível da vara, que começava em cima de seu pescoço para frisar-se ao redor de sua mandíbula.

Sabia que Tony se sentia atraído por ele, mas por sua vida que não entendia por que. Ele era fraco, seu cabelo era largo, e agora seu corpo muito comprido, também estava cheio de marcas, que nunca tinha tido. Deus tinha tantas marcas sobre ele agora. Cada um deles pôs a sua sobre ele.

Seu corpo se sacudiu involuntariamente, e Daniel se girou contra o espelho quando tirou a roupa. Ninguém sabia que ele estava ali, exceto Tony, Joe e Rocco. Ele estaria a salvo, inclusive por um pouco de tempo. Dando um passo sob a água quente, Daniel fechou seus olhos e esvaziou a mente do passado. Tinham-lhe ensinado o modo mais difícil de liberar tudo e cada um, mas quem era ele.

—Tony — sussurrou. Concentrou-se no homem mais amável que ele houvesse alguma vez conhecido, e entrou em um estado parecido com uma meditação.

Andando para a casa, Tony rapidamente introduziu seu código de segurança no alarme da parede.

—Daniel? — chamou, afrouxando sua gravata. Ele tinha o hábito de pôr o alarme do perímetro inclusive quando Daniel estava em casa. Isso ajudava a ambos a sentir-se mais cômodos sabendo que ninguém podia chegar sem passar pelo sensor do alarme.

Daniel apareceu, colocando a cabeça pela entrada da cozinha.

—Olá, chegou em casa cedo.

Olhando seu relógio, Tony sacudiu sua cabeça.

—Não — ele podia dizer que havia algo diferente, mas nãoalaria sobre isso — Está preparado?

Levando um pano de cozinha, Daniel se parou a metade de caminho.

—Preparado para que?

Inclinando sua cabeça, Tony estudou ao Daniel para ver se tinha tomado algo.

—Jantamos com Rocco e Joe. Não te lembra?

Daniel mordeu o lábio, e olhou para baixo para o pano na sua mão.

—Sinto muito, irei preparar-me — girou e começou a andar para a escada.

Tony o alcançou no primeiro degrau. Agarrou o braço do Daniel para conseguir sua atenção, Tony se sobressaltou quando Daniel caiu no chão em posição fetal, os braços cobrindo sua cabeça de maneira protetora. O coração do Tony saltou em seu peito. Não sabia o que fazer, sentou-se no chão ao lado do Daniel e pôs sua mão sobre as costas do homem menor. Maldita seja, o que teriam feito a este homem? Depois de uns minutos, o corpo do Daniel pareceu relaxar-se bastante para abrir um olho e lhe olhar.

—Está bem? — perguntou Tony.

A cara do Daniel avermelhou e ele cabeceou. Desenredando-se, Daniel se sentou.

—Sinto-o tanto, sei que você não...

—Não, não, não — arriscando-se, Tony abriu seus braços em convite. Uma fração de segundo mais tarde, Daniel estava em seu regaço. Tony pôs seus braços ao redor do Daniel e o balançou para trás e para diante.

—Preocupo-me muito por ti você sabe isso? — colocou um beijo no alto da cabeça do Daniel.

—Sim, Senhor —resmungou Daniel, sua cara enterrada no peito de Tony.

—Meu nome é Tony, não Senhor. De acordo, que se quisesse me dar um nome carinhoso seria também agradável. Daniel elevou a vista e Tony sorriu abertamente.

—Vamos, sobe para te trocar. Rocco espera poder te lançar seus potes, assim leva algo que não tenha problema em ser salpicado.

Olhando confuso, Daniel não se moveu do regaço do Tony.

—Minha roupa de trabalho não é apresentável para um jantar.

—Para eles sim. Você é artista, é o que é Daniel, e se pensa que Rocco e Joe não sabem, é que está louco — Tony viu como Daniel se estremecia com essa palavra — Amor — disse Tony contra a bochecha do Daniel lhe beijando — Sinto. Eu não deveria haver dito isso, eu estava brincando — se inclinou e colocou um suave beijo sobre os lábios do Daniel — Alguém te chamou louco?

Daniel fechou seus olhos e baixou sua cabeça.

—Eu sou.

—Não, não é — reajustando Daniel sobre seu regaço, Tony suspirou — Penso que você sofreu coisas pelas que realmente nunca teria que ter passado. Esperava que te encontrasse confortável com o Joe para que pudesse lhe deixar te ajudar algum dia.

—Ele é seu amigo. Contará-lhe — disse isso Daniel, sacudindo seu cabeça.

—Não se ele for seu médico. Além disso, espero que algum dia esteja o bastante confortável comigo para que te abra um pouco. Já te disse que eu gosto de ti e esses sentimentos se fazem mais fortes a cada dia.

—Isso não seria uma boa idéia. Você somente conseguirá me fazer dano — a boca do Daniel se fechou de repente porque havia dito muito.

—Quem vai fazer dano a ti, amor? — Daniel sacudiu sua cabeça outra vez. Tony levantou o queixo do Daniel — Sou um tipo bastante resistente quando preciso sê-lo. Protegerei-te.

Daniel sorriu com satisfação.

—Isso é o que eles dizem sempre, mas ao final, sou sempre muito problemático.

Tony se perguntou com que classe de asnos havia estado comprometido Daniel no passado. Joe tinha lhe dito que Daniel era um cliente habitual do Secrets, um bar D/s do centro. Segundo Joe, Daniel era um submisso, que sempre procurava um companheiro dominante. Com o que ele sabia agora, isto tinha sentido para Tony. Daniel tinha estado procurando a alguém que pudesse o

proteger do que havia em seu passado.

Tony teve medo de que tudo isto fosse muito forte para Daniel. Queria ganhar a confiança do homem, não que se lançasse em outra relação D/s. Tony sabia que ele era naturalmente dominante, mas não jogava a esses jogos. Começou a perguntar-se se Daniel realmente desfrutava do modo de vida que ele tinha estado levando ou era o único conhecia. Dando ao Daniel um último abraço, ele o beijou sobre a cabeça.

—Venha, vai te vestir e nós teremos alguma diversão com nossos amigos.

Entrando no carro, Tony estendeu a mão e cobriu a de Daniel com a sua.

—Estás bem?

Os olhos do Daniel se iluminaram e girou sua mão unindo seus dedos com o Tony.

—Isto é agradável — disse.

Tony sentiu seu peito apertar-se pela felicidade nos olhos de Daniel. Deus ele estava caindo rápido.

—Sim, é. — esteve de acordo. Ele agarrou suas mãos e beijou os nódulos do Daniel.

Muito rápido chegaram à casa do Joe. Lamentou ter que liberar seu aperto do Daniel, mas a contra gosto o deixou ir. Depois de deixar o carro no estacionamento e apagar o motor, inclinou-se sobre o console e colocou um beijo na boca do Daniel. Este lhe surpreendeu abrindo o bastante a boca para que conseguisse seu sabor. Gemendo, retirou-se e examinou os olhos de seu bebê.

—Eu poderia me acostumar a isto.

—Eu também — disse Daniel com um sorriso.

Pela extremidade do olho, Tony descobriu Joe na porta de entrada, de onde os olhava.

—Mais vale que entremos antes que Joe deixe escapar o calor de sua casa — Tony roubou mais um beijo antes de lhe deixar — Mais tarde — disse Tony antes de abrir a porta. Encontrando-se com ele no passeio, Tony tendeu a mão ao Daniel que tomou e eles andaram para o Joe.

—Oi, companheiro — saudou Tony.

—Vamos, entrem — Joe os seguiu a casa.

Tony ajudou ao Daniel com seu casaco, antes de pendurar os dois no armário.

—Onde está Rocco?

Joe riu em silêncio e cabeceou para a garagem.

—Onde pensas? Ele estava tão excitado porque Daniel vinha que está limpando o estúdio — Daniel olhou para a garagem e para o Tony.

—Te importaria? — perguntou Daniel.

Tony sacudiu sua cabeça e o beijou. Agora que finalmente tinha tido o primeiro verdadeiro sabor do Daniel pensou se alguma vez teria o bastante.

—Vá ser criativo. Irei mais tarde para ver o que fazem.

Daniel lhe dirigiu um olhar gracioso, mas cabeceou e foi para a porta da garagem.

—Vamos à cozinha — Joe assinalou o caminho, parando-se na prateleira do vinho para escolher uma garrafa de vinho — Algum em especial?

—Que soe bem — Tony esperou enquanto que Joe o vertia em cada taça de vinho.

—Assim, como está ele? — Joe lhe entregou a taça na mesa e Tony bebeu um sorvo.

—Não estou seguro. Pareceu um pouco perdido quando cheguei em casa, como se ele houvesse esquecido completamente nossa conversa telefônica de uma hora antes — Tony sacudiu sua cabeça e ficou a contar a Joe como Daniel caiu em uma posição defensiva quando ele o tinha alcançado na escada — Como faço para que confie em mim? Nunca, em um milhão de anos lhe faria mal.

Joe terminou seu vinho e jogou mais.

—Tempo. Penso que vais ter que demonstrar aos olhos do Daniel. Sei que isto não é o que quer ouvir, mas estou seguro de que Daniel ouviu tudo isso antes de outras pessoas e elas lhe

abandonaram. Estaria disposto a vir com ele várias vezes por semana para sessões?

—Perguntei-lhe antes sobre isto, e sua única objeção parecia ser que você me contasse seus segredos.

—Não lhe posso dizer isso. Você sabe isto, verdade?

—Sim. E disse ao Daniel —Tony se inclinou sobre a mesa da cozinha e enterrou suas mãos no cabelo.

—Seja paciente, se te propõe sê-lo, isto passará.

—Acredito que o amo — admitiu finalmente em voz alta Tony.

—Sei que o ama — declarou Joe como em uma confidência— Eu sabia um tempo depois daquela primeira noite que o encontrou no colégio.

Tony olhou a seu velho amigo.

—É muito cedo? Acredito que passei muitos anos com o Christian. Infernos, nunca dormi com ninguém exceto com ele — Tony fechou os olhos. Ele sentia que com o Daniel era diferente quando o comparava com seu antigo amante, mas era bom ou mau? Ele não tinha sido bastante para o Christian, apesar de ter dado ao homem tudo de si. Como poderia esperar ser bastante para alguém tão prejudicado e frágil como Daniel?

Uma mão sobre seu ombro atraiu a atenção do Tony.

—Christian era um asno. Faz o favor e não compare aos dois. E sobre o amor? Você sente o que sente. Quem deve dizer se isso é muito cedo?

Tony cabeceou quando Joe girou para agarrar uma bandeja de filés.

—Vou pôr isto sobre a churrasqueira. Por que não vais comprovar a nossos artistas?

Cabeceando, Tony foi para a garagem. Abrindo a porta, ele se apoiou contra o marco. Rocco e Daniel riam como meninos, ambos criando suas próprias obras de arte. Rocco estava ocupado na roda do oleiro, enquanto que Daniel cortava pedaços de um bloco de uma escultura de argila que esculpia.

Tony não podia recordar se alguma vez tinha visto o Daniel assim, feliz, em seu elemento. Isto tirava anos a sua cara, fazendo que Daniel parecesse quase tão jovem como Rocco. Daniel descobriu ao Tony e seus olhos se iluminaram.

—Oi —disse Daniel.

Rocco olhou para trás dele e sustentou suas mãos.

—Eu iria te dar a mão Tony, mas...

—Está bem — respondeu Daniel, andando através da garagem para o Daniel — O que está criando?

A cara do Daniel ficou vermelha quando olhou o que Daniel tomou que era um rascunho preliminar do que estava em sua cabeça.

—Um busto — respondeu finalmente Daniel.

—Sim? Você pode fazer isso?

—OH, deveria ver o que ele fez... — Rocco se calou, fechando sua boca.

Tony esfregou as costas do Daniel.

—Ainda temos que ir no estúdio, já sabe.

—Sim — resmungou Daniel — Talvez este final de semana quando ninguém mais esteja ao redor.

Inclinando-se, Tony beijou o pescoço do Daniel, lamentando-se ver sua mudança de humor tão drasticamente.

—Joe pôs os filés, assim que eu diria que têm o tempo suficiente para que os dois se lavem.

Daniel inclinou para trás sua cabeça e elevou a vista ao Tony.

—Por favor, não te zangue comigo.

Cobrindo os lábios do Daniel com os seus, Tony o beijou.

—Você não tem feito nada mau, amor — lhe deu outro beijo rápido — irei ajudar ao Joe com o jantar.

Com a leve risada do Daniel, ele foi para a cozinha. Quando ele fechou a porta, viu que Rocco sussurrava algo ao Daniel, que deu uma sacudida rápida de sua cabeça cortando ao Rocco. Tony sabia desde o começo que o carinho do Daniel não seria fácil. Muitos segredos. Ele somente esperava que com o tempo pudesse conhecer uns quantos.

—É uma boa noite — disse Tony, entrando na casa.

—Senti-me bem em trabalhar outra vez. Acredito que vou chamar ao Decano e lhe dizer que eu gostaria de voltar para trabalho na segunda-feira.

Daniel não se opôs quando Tony alcançou sua mão.

—Está seguro de que está preparado para isto?

—Não sei — disse Daniel, apoiando sua cabeça contra o assento — Meu único problema real seria me sentar sobreesses bancos incômodos todo o dia.

Tony quis discutir com ele, mas ao recordar do olhar da cara do Daniel quando entrou na garagem antes, parou.

—Bem, se for só isso, me assegurarei de levar um dos bancos de casa para ti, ao menos esses são cômodos. Daniel sacudiu a cabeça.

—Não posso usar um desses. Sempre tenho argila por toda parte quando trabalho.

Apertando a mão do Daniel, Tony riu. Daniel não tinha uma idéia de quão formoso era ou não lhe importava.

—Não se preocupe. Se você o danificar simplesmente conseguirei outro — Tony beijou a mão do Daniel — Agora a sério, não se preocupe por isso. Eu prefiro que você esteja cômodo que me preocupar com um estúpido móvel.

Quando eles chegaram à garagem, Tony o olhou.

—Gostarias de trabalhar aqui? Já sabe quando trazem as provisões? Tenho uma tonelada de espaço aqui em baixo ao lado de minhas máquinas de peso.

Daniel pareceu confuso com isto durante uns momentos.

—Está seguro que não te importaria? Porque uma vez que começo a trabalhar em algo tenho a tendência de perder a noção do tempo.

—Você é uma boa companhia. Não estive fazendo esporte como normalmente. Contigo aqui não terei desculpa.

A cara do Daniel se iluminou.

—Nesse caso, eu gostaria de trazer algumas coisas. Realmente não necessito muito, geralmente faço potes todo o dia, pela tarde eu gosto de relaxar moldando argila com minhas mãos.

—Amor, não me importa se te traz o estúdio inteiro aqui. Enquanto estejas feliz, sou feliz — vendo um tremor visível no Daniel, ele decidiu entrar na casa quente — Venha vamos — disse e saiu do Sedam.

Viu como bocejava Daniel quando fechava a porta da garagem e conectava o alarme.

—Acredito que estou preparado para dormir. E tu?

—Sim, estou um pouco sonolento — Daniel foi para a escada e deu a volta — Quer subir comigo?

Tony quis levar Daniel da escada diretamente para seu quarto, mas ele sabia que nenhum deles estava preparado. Em troca, Tony avançou e abraçou ao Daniel. Apertando-o tão forte como pôde contra seu corpo, Tony deixou Daniel sentir a prova de seu desejo. O beijo que lhe deu depois, empurrou a seus limites, quando Daniel se abriu a ele. Formando redemoinhos com sua língua dentro dos lugares quentes da boca do Daniel, Tony gemeu.

—Desejo-te tanto, mas este não é o momento adequado — sussurrou ele, rompendo o beijo.

Daniel rechaçou encontrar seus olhos.

—Está seguro de que não é por como me vejo? Quero dizer pelas marcas.

Tomando uma decisão repentina, Tony agarrou Daniel e o levou acima da escada. Ele sabia que não podia fazer o amor com o Daniel até que tivesse recebido a confiança dele, mas podia seguro como o inferno pôr a mente do Daniel a ponto.

Depois de ficar ambos nus, Tony retirou as cobertas e moveu ao Daniel ao centro da cama. Com só o pequeno abajur da mesinha iluminando o quarto, as cicatrizes do Daniel não eram percebíveis. Tony sabia que com uma brilhante luz sobre os sinais não teria trocado em sua mente. Quando avançou lentamente por cima do Daniel, Tony começou a lambe e beijar seu pescoço, parando para chupar os suaves lóbulos da orelha em sua boca. Quando Tony se moveu para baixo para estalar sua língua através dos mamilos do Daniel, ele foi recompensado com um gutural ronrono. Maldita seja, que sexy era.

Tony se perguntou, e não pela primeira vez, se Daniel seria um amante tranqüilo ou um ruidoso. Trabalhando em sua descida pelo corpo do Daniel, Tony se assegurou de lavar cada cicatriz que se cruzou. Quando alcançou a virilha do Daniel, riu. Os hábitos velhos devem ser difíceis de morrer para Daniel. Inclusive depois não estar sexualmente ativo, a pele do Daniel não tinha cabelo púbico. Christian tinha uma grande mata de pelo púbico loiro, e Tony não podia esperar para sentir a diferença em sua língua. Sem perder mais tempo, lambeu um caminho ao redor da raiz do pênis do Daniel e pelos testículos sem cabelo.

—Ah, Deus — gemeu Tony — nunca conseguirei bastante do gosto de sua pele.

Gemendo, Daniel estendeu suas coxas para lhe acomodar. Tomando o pênis largo e magro do Daniel, lambeu e beijou a longitude do pênis antes de fechar seus lábios sobre a coroa.

—Ahhh — gritou Daniel, agarrando-se aos lençóis dos lados.

Tony gostou do sabor do pênis do Daniel ao deslizar-se em sua boca. Era muito diferente do curto e grosso pênis do Christian. Tirando-as imagens de seu antigo amante, Tony atacou o pênis do Daniel com rapidez. Pouco depois Daniel ofegava e gemia.

—Permissão para me correr, senhor? — gritou Daniel.

Isto causou ao Tony uma pausa em seus cuidados. Deixou o pênis do Daniel e elevou a vista. Daniel compreendeu que havia dito algo incorreto e sua cara mostrou vergonha.

—Se você quer te correr, te corra. Não necessita permissão nesta casa — Tony tragou o pênis do Daniel uma vez mais, dando a seus testículos um leve apertão quando ele formou redemoinhos sua língua ao redor de sua longitude.

—Corro-me — gritou Daniel, segundos antes que jorros de sêmen caíssem por sua garganta.

Depois que tragou com impaciência cada gota, lambeu ao Daniel limpando-o. Avançando lentamente em cima de Daniel e ficando a seu lado, Tony o beijou, lhe deixando provar sua própria essência. Eles se beijaram durante vários minutos antes que Tony se retirasse. Beijou a frente do Daniel e reajustou a cabeça dele sobre seu peito.

—A dormir.

—E você? — sussurrou Daniel.

—Estou bem. Somente me deixe te sustentar enquanto dormimos. É tudo o que necessito por agora.

CAPÍTULO TRÊS

Quando Daniel despertou na manhã seguinte estava sozinho. Esticando a mão no travesseiro do lado, riu quando compreendeu que o calor do Tony ainda estava nele. Sua risada se cortou quando recordou a noite de paixão, sua boa noite. Tony não tinha parecido querer nada dele. Tocou a cicatriz da garganta, depois foi até sua mandíbula e a bochecha.

—Para — disse uma voz profunda da entrada.

Daniel olhou Tony andar para ele com uma bandeja carregada de frutas e uma cafeteira. Devia ter lido a expressão de sua cara.

—Sim, isto é café, descafeinado — riu Tony. Enchendo uma taça, Tony lhe entregou e pôs a bandeja no centro da cama —Como se sente?

—Bem — Daniel olhou a fruta, mas esperou a permissão para poder comer.

—Não está faminto? — perguntou Tony, tomando um sorvo de seu café. Daniel o viu fazer uma ligeira careta e determinou que Tony não gostasse do descafeinado.

Daniel moveu sua cabeça.

—Eu esperava por ti.

A cabeça do Tony estava inclinada para um lado quando ele estreitou os olhos pensando.

—Já comi.

—Ah — respondeu Daniel. Por que então, perguntou-se, tinha levado Tony à comida.

—Daniel?

—Sim — Daniel examinou os escuros olhos do Tony.

—Você não vais comer?

—Sim, por favor — Daniel ainda esperava, sentiu-se tolo por não saber que esperava dele. No passa... não, ele não queria pensar no passado. Sacudiu a cabeça, tentando dissipar as lembranças que se arrastavam em seu cérebro.

Com um suspiro, Tony pôs sua taça de café na mesa de noite e colocou Daniel em seu regaço. Atirando do caule de um cacho de uvas, Tony pôs a verde fruta na boca do Daniel.

—Quer então me alimentar? — perguntou Daniel, abrindo com vacilação a boca para a fruta.

—O que acontece?

Olhando para baixo, Daniel se encolheu.

—Não estou seguro de como quer que eu atue, cada um é diferente. Uns esperam que peça permissão antes de comer, outros só me deixam olhar enquanto eles comem. Eu só não quis fazer algo que te zangasse.

Fechando seus olhos, Tony suspirou pesadamente antes de pôr outra uva na boca de Daniel.

—Você comeu bem até agora, isto é diferente pelo que fizemos? — perguntou Tony, fazendo sinais para o pênis ainda nu do Daniel.

Sentindo-se desbaratado, Daniel cabeceou.

—Somente pensei... — que talvez começasse a me amar. Daniel não disse a última parte da oração em voz alta, mas o pensou. Tinha estado louco ao pensar que alguém tão maravilhoso como Tony poderia apaixonar-se por alguém como ele. Sentindo a picada das iminentes lágrimas, Daniel tentou baixar do regaço do Tony. As mãos do Tony estavam apertadas ao redor de sua cintura.

—Não, não escape de mim.

—Tenho que usar o serviço — disse Daniel, procurando uma desculpa. A última coisa que queria era que Tony o visse chorar. Não o tinha feito em anos, desde que era ainda um moço que vivia em casa com um pai abusivo.

Liberando sua atadura, Tony cabeceou.

—Posso ver que não tem vontades de falar, por isso me prepararei para ir ao trabalho.

Daniel andou para a segurança do quarto de banho tão rápido como se atreveu. Ele sabia que tinha zangado o Tony e teria que pensar em algo para recompensá-lo.

Olhando a retirada do Daniel, Tony passou suas mãos por seu cabelo. Sentia que não sabia que ia passar com o Daniel, mas o modo de viver como D/s era estranho para ele. Não entendia o que Daniel sentia ou porque o interpretou como o fez. Sim, definitivamente tinha que falar com alguém. Agarrando o telefone, chamou o Joe.

—Olá! — respondeu Joe. Era evidente que estava ainda dormido. Tony olhou seu relógio e gemeu.

—Sinto muito, não sabia que era tão cedo. Pode me chamar quando te levantar —começou a pendurar, mas ouviu os protestos do Joe.

—Estou acordado. O que ocorre?

Tragando, Tony suspirou.

—Tenho que falar com alguém sobre o Daniel e seus apetites sexuais. Eu pensava chamar o Alec ou Max, e quis saber se assim poderia conhecer o que deveria fazer. Isto seria mais fácil para entender o lado submisso de uma relação ou o lado dominante?

Esperou uns poucos segundos antes que Joe respondesse.

—Penso que deveria falar com o Alec. Acredito que seria de mais ajuda para ti. Ele esteve na cena por um comprido momento, mas há algo que deveria saber primeiro.

—O que? — Tony não gostou da forma em que Joe disse isto e os cabelos do pescoço se arrepiaram.

—Alec me confiou que tinha jogado às vezes com o Daniel. Max não sabe, foi muito antes que eles se juntassem, se isso for ser um problema...

Tony sentiu seu corpo tenso de pensar no Alec tocando a seu homem. Porém se compreender essa vida era a melhor forma de entender Daniel, Tony pôs seu orgulho e ciúmes à parte.

—Acredito que posso dirigi-lo.

Sacudindo a mão do Alec, Tony fez o gesto para os assentos da esquina de seu escritório.

—Toma assento.

Alec se sentou sobre o bordo da poltrona de couro e apoiou seus antebraços em seus joelhos. Tony podia ver que ele estava incômodo. Talvez se perguntasse se conhecia seu passado com o Daniel.

Decidindo atalhar, Tony se sentou e olhou ao Alec aos olhos.

—Sei do Daniel e você. Não é por isto que realmente te chamei. Tenho que entendê-lo, seu lado submisso. Ele me confunde e até que o conheça não sei como me dirigir a ele. Sabe que tenho sentimentos, ele e eu ummm... —Tony sentiu avermelhar sua cara — fiz sexo oral nele, mas isto é tudo o que temos feito. De todos os modos, hoje não comeu até que lhe desse permissão — Tony deixou de falar e passou seus dedos pelo cabelo — O sinto, somente que não o entendo, mas me apaixonei e tenho que conhecê-lo para poder chegar na ele.

Alec se sentou para trás na poltrona e cruzou os braços sobre seu musculoso peito.

—Há diferentes níveis de submissos, tal como há diferentes dominadores. Só joguei com o Daniel duas vezes, não porque não o quisesse, mas eu não podia lhe dar o que ele queria — a cara do Alec adquiriu um olhar de compaixão — Não acredito que você o tenha. Daniel é diferente a qualquer submisso que alguma vez tenha conhecido.

Parando de esfregar seus olhos, Tony podia ver que Alec tentava explicar algo. Alec se apoiou outra vez para frente e examinou os olhos do Tony.

—Acredito que ele quer ser machucado com severidade. Não sei como ou por quem, mas sua mente lhe pede por isso.

—O que quer dizer?

—Daniel não quer ser só submisso, quer ser golpeado e torturado. Tentei lhe perguntar sobre isso, mas ele só sacudia sua cabeça. Disse que realmente não gostaria se eu não pudesse fazer essas coisas.

Tony estava atordado.

—Então crê que ele não pode ter uma relação sem que lhe machuquem?

Alec se encolheu.

—Fala com o Joe. Talvez haja mais do que eu sei. Tudo o que eu posso-te dizer é que Daniel francamente parece relacionar a dor com o amor.

—Droga — Tony enterrou a cara em suas mãos. Olhando seu relógio, suspirou. Ele tinha passado

o resto do dia no trabalho olhando fixamente pela janela, mas era à hora de ir a casa. Ele não podia acreditar que em realidade contemplasse a possibilidade. Ele Dom?

Tony tinha tentado falar com o Joe sobre o Daniel. Joe lhe disse que não podia falar sobre o Daniel já que era um paciente. Seu amigo lhe ofereceu o nome de outro psiquiatra, mas nem sequer o anotou. Não, isto, era algo que averiguaria por sua conta. Como o dia tinha passando, Tony falou consigo mesmo de oferecer ao Daniel um pouco do que parecia necessitar. Talvez se o que Alec disse era certo e Daniel associava dor com o amor, tentaria ser o que Daniel necessitasse.

Decidindo-se, Tony fechou seu computador e disse adeus.

Dando os últimos toques ao jantar, Daniel esperou a seu amo, estaria contente com a lasanha. Não, sacudiu a cabeça, Tony não era seu amo e não queria ser. Daniel suspirou e pôs o prato quente sobre a mesa para que se esfriasse. Nunca tinha encontrado a um homem melhor que Tony e Daniel tinha construído sonhos estúpidos ao redor dele. Agora parecia que eles queriam duas coisas diferentes, e estava perdido quanto à mudança de si mesmo que Tony merecia.

Pôs seu cabelo detrás de suas orelhas. Isto ainda era divertido. Ele se tinha acostumado ao comprido cabelo loiro que tinha levado durante anos. Tocando no ombro o comprimento era muito mais curto do que tinha usado, Daniel rezou para que isto fosse um passo na direção correta de sua relação. Tony era um homem de negócios e como tal, merecia um homem de quem não se envergonhasse. Quando removeu a salada, ouviu a porta da rua abrir-se e fechar-se.

—Estou na cozinha — chamou Daniel. Depois de secar suas mãos sobre o pano de cozinha, Daniel alisou qualquer ruga que pudesse ter aparecido pelo trabalho em sua roupa nova e suspirou. Deus, esperava que isto ajudasse.

Entrando na cozinha, Tony parou.

—O que acontece? — olhou ao seu redor e logo retornou ao Daniel — Temos companhia?

Nesse momento Tony notou o corte de cabelo de seis pulgadas¹ de comprimento do Daniel. Daniel não podia ler a expressão do Tony quando ele o rodeou, tocando seu cabelo loiro ligeiramente.

—O que tem feito?

Daniel podia dizer pelo tom da voz do Tony que não estava agradado com seu novo visual. De repente, Daniel caiu de joelhos aos pés do Tony e olhou ao chão.

—Sinto muito, pensei fazer isto como favor para ti, para encaixar em seu estilo de vida.

Suspirando, Tony se inclinou e levantou o Daniel em seus braços.

—Temos que falar.

Quando Tony o levou a sala de estar, Daniel sentiu que lhe rompia o coração. Acabava de arruinar qualquer possibilidade e oportunidade com os desejos e necessidades do Tony?

—Shhh — sussurrou Tony, beijando o topo da cabeça do Daniel quando se sentou na cadeira grande de couro.

—Sinto-o tanto — disse Daniel outra vez.

Inclinando-se para trás o bastante para tomar ao Daniel pelos ombros, Tony o pôs diante dele.

—Por que pensa que eu quereria que trocasse sua forma de vestir e seu cabelo? Tenho-te feito sentir que desaprovava o modo como te vê? — Daniel sacudiu a cabeça, mas ainda rechaçava olhar ao Tony nos olhos. Afundou seus dedos no cabelo do Daniel inclinou sua cabeça — Me apaixonei por ti à velocidade do relâmpago. Isto não teria passado se te tivesse encontrado alguma carência. De agora em diante, se quer trocar algo de ti, faz por ti, não porque pense que é o que quero.

Levantando sua mão, Daniel tocou o final de seu cabelo mais curto.

—Então você não gosta?

¹ 15 cm.

—Nunca disse que não. Realmente eu gosto muito deste novo comprimento. A pergunta é: tu gostas?

Daniel se encolheu.

—Não me preocupa nada meu cabelo enquanto que possa fazer um rabo-de-cavalo. Tenho que prendê-lo para trás enquanto trabalho — Daniel olhou para baixo a suas calças cáqui e a camisa marinho de botões — Não me importa de me vestir com isto de vez em quando, mas arruinaria esta roupa se um dia a levasse ao estúdio — inclinando-se, Daniel colocou um suave beijo na boca do Tony — Somente quero que você me queira.

—Faço-o, Deus, não tem nem idéia de quanto te quero — Tony beijou ao Daniel, sua língua entrou profundamente. Rompeu o beijo e descansou sua frente contra Daniel — Não posso te machucar em nome do amor. Não sou assim, e não acredito que você possa estar satisfeito sem isto — fechou seus olhos — Me assusta.

—Sinto muito, mas não o entendo. Se você me ama por que não pode me dominar? —Daniel começou a mover-se no regaço do Tony quando se sentiu mais incômodo. Não estava acostumado a falar com todos seus amantes, especialmente sobre como lhe agradar. Daniel sabia que não tinha muita experiência com o tema. Tinha sido só realmente amado por duas pessoas, seu pai e seu primeiro professor.

—Ah, amor — disse Tony, chupando a bochecha do Daniel — Quero ser seu companheiro, não seu amo. Você sabe que a gente pode amar um ao outro sem a dor física? — Daniel deve ter mostrado a confusão em sua cara. Tony suspirou e seguiu — Quantos amantes tiveste que não lhe tenham infligida dor?

—Nenhum — respondeu Daniel.

—Então não sabe se gosta que lhe façam o amor de um modo lento e apazível?

Deus, Daniel se sentiu tão estúpido. Tony tentava tanto lhe fazer compreender algo que ele não conseguia entender. Envergonhou-se também de admitir que não tivesse uma pista sobre o que Tony falava. Em troca, ele decidiu pôr sua cabeça sobre o ombro do Tony.

Com os dois sentados em silêncio, Daniel começou a perguntar-se porque se sentia tão bem em estar aconchegado na calidez dos braços de Tony. Realmente nunca tinha sido sustentado exceto por um par de Dons, quando freqüentava o Secrets de vez em quando, mas não tinha sentimentos por aqueles homens. Assim porque ele queria o homem ao que gostava de sustentá-lo?

—Estava equivocado?

—O que, amor?

—Está isto mau? Que eu goste disto, quando você me sustenta assim? — Daniel sentiu avermelhar sua cara, esperando não ter ficado ridículo.

Isto tomou ao Tony vários segundos para responder.

—Deixaria fazer o amor contigo a minha maneira? Pensei nisso e eu tinha decidido tentar te dominar, mas não acredito que possa fazê-lo. Você foi prejudicado tanto, por que quereria te fazer isto?

Porque o necessito, quis gritar Daniel. Em troca, ele cabeceou e ficou de pé. Com os olhos cravados no chão, Daniel deixou ao Tony que lhe levasse a dormitório.

CAPÍTULO QUATRO

Depois de que ambos se despiram, Tony fez gestos para o centro da cama grande. Ele se perguntou se poderia dominar sem o lado masoquista que Daniel parecia necessitar. Talvez devesse ter outra conversa com Alec. Talvez, necessitasse dessa conversa agora mesmo. Lamentaria fazer algo que terminasse em desastre para ambos.

Limpendo sua garganta, Tony olhou para o Daniel.

—Tenho que fazer uma chamada. Você fique aqui e te dê prazer até que eu retorne.

Imediatamente, Tony notou a mudança do Daniel. Olhou como pacificamente pôs os largos dedos de artista ao redor de seu largo e duro pênis. A vista quase fez Tony mudar de parecer. Não queria nada mais que cair sobre o topo de seu homem e lambar cada polegada de seu magro corpo. Apartando seus olhos, Tony pôs em movimento seus pés e saiu andando do quarto. Colocando-se sobre o sofá, chamou o Alec.

—Olá?

—Olá, Max, é Tony. Alec está ocupado?

—Não, ele está relaxando diante da televisão, vou chamá-lo.

Tony ouviu algum movimento do telefone quando este foi passado ao Alec.

—Olá, Tony.

—Olá. Escuta, você poderia discutir algo comigo durante uns minutos?

—Depende do que seja — respondeu Alex franco.

—Quero saber se pode me dar algumas indicações sobre como dominar a alguém sem golpeá-lo fisicamente — Tony fechou os olhos e esperou a resposta do Alec.

—Acredito que você já tem os instrumentos necessários para dominar a alguém. É o presidente de seu próprio negócio. Como trata com as pessoas do trabalho? Deixa-lhes fazer perguntas sobre cada movimento que faz, ou lhes diz o que quer fazer e esperas que eles sigam suas ordens? Isto é basicamente tudo. Você tem que lhe dizer ao Daniel exatamente o que você quer, e como quer que se comporte enquanto que o faz. Quantas mais ordens dê-lhe, tanto com o corpo como com a voz, mais se acalmará.

Tony sacudiu sua cabeça.

—Eu deveria tratá-lo como a um empregado?

—Sim, exceto este empregado tem que ser tratado com amor ao mesmo tempo. Elogia ao Daniel quando agradar e repreende-o quando fizer algo contra seus desejos — Tony podia ouvir o Alec que sussurrava algo ao Max. Uns segundos mais tarde ele estava de volta no telefone — O sinto, necessitava um pouco de privacidade para esta parte. Quanto mais forte seja com o Daniel verbalmente, mais cômodo estará ele. Terá que lhe ordenar mais que lhe pedir, sobretudo no dormitório. Como já lhe disse, ele não é um submisso comum.

Tony tinha estado ao redor do Alec e Max algumas vezes, e sempre tinha ficado surpreso com sua relação. Ele tinha que admitir a maneira com que Max parecia estar dependente de cada palavra do Alec, esperando uma ordem, mas Tony tinha dentro de si mesmo a capacidade de abraçar um modo de viver totalmente diferente? Olhou as escadas para o dormitório. Sim, pelo Daniel tentaria. A única coisa que lhe incomodava...

—E você crê que posso ser seu Amo sem lhe fazer dano fisicamente?

—Acredito — disse Alec — depende de quanto o queira, adivinho.

—Mais do que alguma vez tenha querido algo — respondeu Tony, surpreso de encontrar o significado do que realmente pensava.

O que era o que tinha este homem que mexia com seu coração ao ponto da distração? Pela primeira vez em sua vida adulta, Tony deixava de lado o negócio e os amigos para enfocar-se em um indivíduo — Obrigado, Alec.

—Me chame se precisar — respondeu Alec.

Eles disseram adeus e Tony desligou. Erguendo seus ombros, ele suspirou e se dirigiu para cima. A vista do que encontrou quando entrou no quarto o paralisou temporariamente. Daniel fazia o que lhe tinha mandado. Com três dedos enterrados dentro de seu pequeno e doce ânus seguia bombeando seu agora vermelho e duro pênis, Daniel via como na realidade estava dolorido.

Tony recordou a noite anterior, Daniel lhe pedindo permissão para correr-se. Merda, não lhe tinha dado permissão antes de sair do quarto para chamar o Alec. Daniel girou a cabeça para Tony

e olhou com uma expressão suplicante em sua cara. Tomando um fôlego profundo, Tony disse sua segunda ordem:

—Te corra.

Assim que as palavras abandonaram sua boca, um jorro de branco e cremoso sêmen saiu do pênis do Daniel. Daniel seguiu gemendo quando bombeava os jorros de sua grossa carne.

O poder da palavra dada surpreendeu ao Tony. O que o surpreendeu muito mais foi o sentimento de poder que sentiu correr por seu corpo. Alec tinha razão, este era o mesmo sentimento que conseguia quando dirigia uma reunião de negócios, só que muito melhor. Nu, Tony se ajoelhou ao lado do Daniel.

—Fica imóvel, enquanto que banho seu corpo com minha língua.

Os olhos do Daniel se abriram por uma fração de segundo antes de olhar para baixo num gesto submisso. Isto era uma coisa que ao Tony não agradava. Gostava dos olhos do Daniel e queria vê-los.

—De agora em diante, manterá seus olhos sobre mim em qualquer momento enquanto fazemos amor. Dirá-me quando se sente bem e quando não. Está claro, jovem?

O último era um pouco uma pequena licença que se tomava, considerava o Daniel mais jovem com apenas nove anos menos que seus trinta e oito, mas ele rechaçava chamá-lo de qualquer outra forma que associasse com este particular estilo de vida.

—Sim — respondeu Daniel.

—Sim, que?

—Sim, amo.

—Eu não gosto desse nome, chama-me de Senhor, está claro?

—Sim, Senhor — disse Daniel, com uma expressão pacífica em sua cara. Alec tinha tido razão, quando mais mandava, mais depravado estava Daniel. Deus, Tony esperava que pudesse mantê-lo até que lhe fizesse mais natural à mudança vinte e quatro horas ao dia sete dias à semana.

Avançando lentamente por cima do Daniel, Tony começou a lamber o sêmen seco de seu estômago e peito. Explorando o gosto do Daniel sobre sua língua quando raspou a suave pele com seus dentes. Movendo-se para baixo do Daniel para seu pênis flácido, Tony tomou a longitude inteira em sua boca e chupou. Rapidamente foi recompensado quando o eixo em sua boca começou a esticar-se e endurecer-se. Retirando sua boca, Tony riu do som dos gemidos necessitados do Daniel.

—Sobre seus joelhos — ordenou. Quando o homem menor se ajeitou, Tony colocou a mão em sua gaveta e agarrou uma camisinha e a garrafa de lubrificante. Aqui estava uma parte onde pensava que podia dar ao Daniel uma pequena medida de doloroso prazer.

Tony enrolou a camisinha em seu grosso pênis, sorrindo às costas do Daniel. Esta era sua primeira vez, e Tony esteve seguro pelo olhar da cara do Daniel antes, que não tinha tido um pênis tão grande. Tony sempre tinha estado bastante orgulhoso do tamanho de seu pênis. Lástima que não tinha sido suficiente para manter ao Christian. Apertando suas mandíbulas, Tony sacudiu sua cabeça. Não permitiria a seus pensamentos corromper sua primeira vez com o Daniel.

Com seu ânus ao ar, e a cara enterrada no travesseiro, Daniel parecia o sonho de todo o homem gay. Depois de aplicar o lubrificante na camisinha, Tony colocou a cabeça de seu pênis no buraco bem estirado do Daniel. Antes de introduzir-se até dentro, Tony se inclinou e colocou um beijo sobre a coluna do Daniel.

—Te amo — sussurrou quando empurrou dentro até o punho. A constrição dos músculos do Daniel e o chiado de dor momentâneo apertou o peito do Tony. Quase saiu e pediu perdão, mas as palavras do Daniel o pararam.

—Sente-se bem, Senhor — gemeu — me sentia perdido.

Tony fechou seus olhos quando se retirou e se afundou dentro uma vez mais. Ele sabia naquele

momento que faria o que fosse para levar o amor e a paz à vida do Daniel, e se isto era necessário para o Daniel, ele encontraria a maneira. Estabelecendo um ritmo de castigados impulsos, Tony agarrou os quadris do Daniel em um apertado apertão. Quando Daniel começou a ofegar, Tony olhou como as gotas de suor caíam de sua frente na proeminente coluna diante dele.

—Ah Cristo, sente-se tão bom — grunhiu Tony, dando um golpe no traseiro do Daniel, o que foi mais difícil. O quarto repetia os sons de seu acoplamento, os grunhidos de Tony em perfeito concerto com o golpe de seus testículos contra a carne, e os gritos do Daniel por seu prazer.

—Por favor, Senhor — pediu Daniel, seu corpo apertando-se ao redor do pênis do Tony.

—Espera — disse Tony, com voz severa. Enterrou-se até o punho e descansou sua cabeça entre as omoplatas do Daniel quando o primeiro jorro de sêmen estalou de seu pênis — Agora — grunhiu, abrigando seus dedos ao redor da curta ereção do Daniel.

O corpo inteiro do Tony se sacudia com a força de seu contínuo clímax. Nunca se havia sentido tão retorcido nem tão satisfeito em sua vida. Derrubando-se sobre Daniel, tentou recuperar o equilíbrio. Se com o Daniel ia ser sempre tão bom, estava mais que disposto a dar a seu novo amor o que necessitasse em troca. Saindo, Tony rodou para o lado e tirou a camisinha muito cheia. Depois de atá-la e atirá-la ao lixo, Tony agarrou ao Daniel em seus braços.

—Conseguimos — sussurrou contra um suarento e trememente Daniel.

Daniel olhou ao Tony com uma expressão sobressaltada em sua cara.

—Não pensei que seria capaz de me correr sem...

Tony quis que Daniel se abrisse, mas sabia que era ainda muito cedo. Talvez depois de umas sessões com o Joe, Tony seria capaz de aprender um pouco sobre o passado do Daniel. Por agora, tinha que ser realista.

—Tentarei levar a direção que parece ansiar, mas não tenho nada em mim para infligir a dor a uma pessoa que rapidamente se faz mais importante para mim.

Daniel lhe dirigiu um olhar envergonhado.

—Não estiveste ao redor de mim para conhecer o que sou. Careço do foco das situações diárias. Começo a pensar em meu trabalho e todo o resto se desliza para o lado do caminho se não tiver alguém para me castigar.

—Você é um artista não é como a maioria deles? Estive ao redor do Rocco o suficiente para saber que ele tem as mesmas tendências, mas nunca vi ao Joe castigá-lo por isso. Beijá-lo, repreendê-lo, sim, mas fisicamente não o castiga.

—Ensinaaram-me que se amas a alguém...

—Para aí. Não te questione meu amor por ti. Espero o dia em que será capaz de me dizer sobre seu professor, mas uma coisa sobre a que sempre me oporei é que questione meu amor.

—Sim, Senhor — disse Daniel obediente. Tony sorriu abertamente quando sentiu ao Daniel relaxar-se em seus braços.

—Agora, cheirei a lasanha quando entrei em casa?

—Falei com o Rocco. Quer vir conosco para comprovar o estúdio. Adivinho que a administração fechou as portas depois de que eles limparam o lugar e não terão permitido entrar em ninguém sem uma chave — disse Daniel movendo o alimento sobre seu prato.

Tony terminou sua parte e pôs o prato ao lado.

—Talvez deveríamos ter tanto o Rocco como Joe conosco, isso poderia ajudar.

—Não entendo por que ninguém foi ao estúdio durante todas estas semanas? Sei que a universidade contratou alguém para me substituir. Rocco disse que tinha estado usando o estúdio do Professor Bank com a maior parte de meus estudantes.

Tomando a mão do Daniel, Tony a levou a seus lábios e colocou um beijo sobre a palma.

—Acredito que o Decano sentiu que isto seria desrespeitoso depois do que aconteceu. O importante é que abirão, e na segunda-feira seus estudantes retornarão ali.

—Sim, imagino — resmungou Daniel

—Ainda não estás preparado para voltar? — Tony jogou para trás sua cadeira e lhe fez sinais para seu regaço.

Daniel riu e imediatamente obedeceu, abraçando-se contra o peito ainda nu do Tony. Depois de uns momentos, Daniel suspirou.

—Estou assustado.

—Porque eles não agarraram ao tipo que te fez isto. Sabe que ajudaria se fosse um pouco mais cooperativo com eles — Tony odiou dizer-lhe outra vez. Tinha suplicado ao Daniel uma e outra vez que dissesse à polícia quem o tinha golpeado, mas Daniel estava ainda com os lábios fechados como sempre.

—Não. Isto é mais medo de ter que fazer frente a todos. Defraudei-os. Eles confiaram em que seu trabalho estaria seguro em meu estúdio e os desaponteí.

—Você não defraudaste a ninguém, jovem. Quem pensas que enviaram todos os cartões e balões ao hospital? Se seus estudantes estivessem zangados, eles não teriam gasto um momento de seu dia nisso.

Daniel bocejou.

—Talvez.

—Por que não vai à cama e eu me encarrego dos pratos?

—Não Senhor. Eu gostaria de te pedir permissão para assumir as tarefas da casa enquanto que esteja aqui. Sentiria-me melhor.

Tony pensou nisso um momento.

—Bem, mas te ajudarei.

—Senhor? Não serias ou estarias mais feliz se te relaxasse diante da televisão?

—Não, sou mais feliz estando no mesmo quarto que você — Tony deu ao Daniel um profundo beijo, colocando sua língua e varrendo o interior da boca do Daniel.

CAPÍTULO CINCO

Sustentando a mão do Tony, Daniel andou pelo corredor para seu estúdio. Voltou-se para assegurar-se de que Rocco e Joe os seguiam e recebeu um sorriso de apoio deles. Tony agarrou sua mão, lhe detendo diante da porta.

—Você pode fazê-lo — disse Tony, sua voz profunda e severa. Daniel sentiu o som envolvendo-o em um casulo protetor. Procurou o chaveiro em seu bolso, Daniel olhou as diferentes chaves, tentando recordar o que abria cada uma.

—Daniel — a voz do Tony baixo ainda mais — Abre a porta.

Daniel automaticamente se girou e escorregou a chave na fechadura. Com um profundo fôlego e torcendo seu pulso, a porta abriu-se. Tony lhe conduziu para dentro com uma mão na parte baixa de suas costas. Olhou o ambiente estéril do estúdio. Não havia coisas nas prateleiras de secagem, ou nas mesas de trabalho. Na realidade, não havia um pedaço de arte que se encontrasse em qualquer parte do grande quarto.

Uma dor começou golpeando atrás de seus olhos, e sentiu como que escorregava para o esvazio. Nada, era outra vez como se sua vida não significasse nada. Aquele sentimento de ter sua mente em uma jaula. Compreendeu até onde tinha chegado desde seus anos gastos em uma jaula. O pânico anulou sua mente racional quando lutava por ficaraqui e agora. Não, ele não queria outra vez a jaula. Sacudindo-se, ele apartou as mãos que tentavam apanhá-lo e afundá-lo na terra. Não por favor, outra vez não.

—Daniel!

Cintas de aço se fechavam ao redor de seu peito, fixando seus braços aos lados.

—Daniel, me olhe — lhe ordenava uma forte voz.

Daniel não o entendia olhá-lo a ele? Não o permitiam, e ele sabia. Isto era uma prova, tentando enganá-lo para um remoto castigo. Não, ele não daria mais munições ao Amo contra ele.

—Não, não voltarei para a jaula — gritou Daniel, lutando com os braços que lhe atavam.

Os lábios que com cuidado beijavam sua cabeça, murmuravam suaves palavras de amor devagar que lhe trouxeram de volta. Ele piscou várias vezes antes de reconhecer a voz calmante do Tony.

—Volta comigo, amor. Volta. Estou aqui para te manter seguro.

Procurando, Daniel estava mortificado quando compreendeu que tinha passado. Seu fôlego ficou no peito e se tragou um grito que ameaçava estalando em sua garganta.

—O sinto tanto — sussurrou Daniel. Meneou seus braços do apertão do Tony, e acariciou as bochechas de seu Senhor — Por favor, me perdoe?

—Shh — respondeu Tony, colocando um beijo suave sobre os lábios do Daniel — Está bem. Você está com pessoas que se preocupam contigo — Tony jogou uma olhada por cima do ombro do Daniel.

—Estamos aqui por ti — lhe disse Joe detrás dele. Daniel sentiu uma mão tranquilizadora sobre seus ombros. Voltando a cabeça, viu o Rocco e Joe com olhares preocupados em suas caras.

—Estou bem — tentou levantar-se. Estava envergonhado e confuso sobre o que tinha passado. Tinha tido retrocessos similares no passado, mas nunca ao redor de outras pessoas. Por Deus, esperava nunca experimentar de novo esse sentimento de completa vergonha outra vez.

—Pode nos dizer o que aconteceu? — perguntou Joe, quando Tony pegou Daniel em seu colo. Daniel sacudiu a cabeça — Pode ao menos me dizer no que pensava justo antes que isto passasse? — Joe o olhou preocupado, Daniel não tinha coração para rechaçar sua petição.

Tentou organizar seus pensamentos em algo que tivesse sentido, finalmente o deixou soltando o modo em que se sentiu.

—Não sou nada. Não há nada visível que diga que estive aqui. É pela forma em que se limpou aqui.

—O que? — cortou-lhe Rocco —Estás louco?

—Rocco — disse Joe, tentando lhe calar.

—Não, ele tem que ouvir isto — Rocco ficou diante da cara do Daniel —, o que é como professor não tem nada que ver com os potes e discos que estavam acostumados a estar dispersos ao redor deste lugar. Aqueles podem ser substituídos, todos devido a ti. Quando você nos deu o conhecimento, você compartilhou a alegrizada criação conosco. Este é seu trabalho sobre todas as coisas, não as coisas.

Daniel olhou fixamente a formosa cara do Rocco, torcida por sua própria ira. Olhou como Rocco se sentava para trás, e tomava uns fôlegos para acalmar-se.

—Seus estudantes amam a ti, ao Professor Willis. Não foi o mesmo sem ti aqui, nos guiando, compartilhando nossos triunfos e nos animando em nossos fracassos.

Uma lágrima se deslizou para baixo pela cara do Daniel. Nunca havia compreendido que tinha um verdadeiro impacto sobre seus estudantes. De repente, sentiu-se dez pés mais alto e culpado, tudo ao mesmo tempo. Seus estudantes mereciam saber quem destruiu seu trabalho. Porém, tinha a força para dizer?

—Obrigado — disse Daniel, estendendo e tomando a mão do Rocco.

—Somente volta. Esse é todo o agradecimento que necessito — Rocco deu outro apertão à mão do Daniel antes de lhe liberar.

Voltando-se para o Tony, Daniel mordeu seu lábio inferior. Não queria que Tony pensasse menos dele pelo modo que se comportou. Tentava entender como aproximar-se até ele, quando Tony o beijou.

—Há aqui algo que queira fazer antes de irmos para casa?

A casa, sim, ele queria ir a casa, mas primeiro...

—Há umas coisas que preciso comprovar na habitação do forno. Somente peço a Deus que ele não fizesse a ninguém destruir isto também.

Merda, compreendeu o significado quando lhe escapou. Fechou seus olhos e esperou as perguntas inevitáveis do Tony. Quando nenhuma veio, Daniel abriu os olhos. Somente o olhava, mas juraria que era com um olhar de amor não de recriminação.

—Irei contigo — disse Rocco, ajudando ao Daniel a ficar em pé. Tony olhou como Rocco apoiou seu braço ao redor do Daniel abrigando-o e andando para o espaço do estúdio. Dando a volta para o Joe, limpou sua garganta. Os quinze minutos passados haviam sido duros para cada um, e as mãos do Tony ainda tremiam.

—Jaula?

Joe passou as mãos por seu cabelo e sacudiu sua cabeça.

—Quero vê-lo diariamente. Pelos sons que fez, já não estamos falando de um abuso normal.

Tony fez um som com sua garganta.

—Realmente? E que constitui o abuso normal?

—Não queira saber — Joe sacudiu a cabeça e olhou por volta do quarto do forno.

Joe tinha provavelmente razão, não pensou que o queria saber ao menos até que Daniel estivesse em bom caminho para a recuperação. Jaula. Ainda não podia conseguir essa imagem em sua mente. Maldito, estava louco por colocar Daniel em seu coração? O que acontecia se Daniel nunca terminasse com seu passado? O que acontecia não era bastante para manter Daniel unido a ele?

—Para — lhe advertiu Joe — isto não vai fazer que responda a qualquer de nossas perguntas, que nenhum dos dois entende ainda. Somente me dê algum tempo para trabalhar com ele, e lhe dê todo o amor e apoio que possa. Ninguém poderia pedir mais.

—Talvez eu devesse lhe ordenar que me dissesse quem está detrás de tudo isto — grunhiu Tony com relação à onipresente sombra.

—Não, acredito que isso faria mais mal que bem. Tem que ver que quem está ao seu redor lhe protegerá e o amará apesar de tudo. Se você emite ordens que vão contra qualquer lavagem cerebral poderá fazer que ele se retire para mais longe de ti.

—Lavagem de cérebro? — Tony fechou seus olhos e cobriu sua cara com suas mãos.

—Não saberei até que o trate, mas não posso falar mais disto contigo, não sem a permissão do Daniel.

—Sim, entendo — não o fazia realmente, mas ele sabia que era uma parte do juramento do doutor e tudo isso.

Quando Daniel e Rocco voltaram para o estúdio, Tony notou que Daniel andava sozinho. Sua cara até estava um pouco mais tranquila. Abrindo seus braços, esperou. Daniel facilmente entrou correndo em seu abraço. Abrigando-lhe forte em seus braços, Tony beijou o topo da cabeça loira do Daniel.

—Tudo bem?

—Sim — disse Daniel com uma cabeçada — nenhum dano ao equipamento.

—O que vamos almoçar? — perguntou Tony olhando a seus amigos. Inclinou o queixo do Daniel até que beijou sua frente — Crê que poderia comer algo?

—Provavelmente, mas talvez nós pudéssemos ir a um lugar tranquilo?

Tony conhecia esse olhar em seus olhos, Daniel não estava tão bem como proclamava.

—Que tal se agarrarmos algo do chinês e temos uma tranquila tarde em nossa casa?

—Nossa casa? — perguntou Daniel.

—Bem sim. Eu planejava-te dizer sobre isto. Infelizmente, não pensei soltá-lo de repente sobre ti, mas eu gostaria que te mudasse comigo. Pensei que você sozinho em seu apartamento...

—Sim — disse Daniel, com uma leve risada que iluminava sua cara — Não quero voltar para meu apartamento. Eu me perguntava quando irias me expulsar.

—Nunca, se puder — Tony se surpreendeu pela declaração aberta de suas intenções, mas se encontrou com uma pequena quantidade de paz nessas palavras. Sim, isto seria um caminho comprido e doloroso no amor do Daniel, mas ele merecia tudo isto.

Eles tinham terminado na casa do Joe. Rocco e Daniel desejosos de trabalhar sobre seus projetos de umas noites antes. Depois que comeram, Rocco e Daniel se levantaram para começar a limpar a mesa. Daniel tinha estado tranqüilo no almoço, e Tony começava a preocupar-se outra vez. Seguiu Daniel com o olhar, procurando qualquer remoto sinal de tensão. Daniel terminou de atirar o lixo e deu a volta para Tony.

—Pensa que nós poderíamos começar a mudar as minhas coisas? Realmente não tenho muito. O apartamento estava mobiliado assim só seriam umas poucas coisas que caberiam em umas caixas de embalar.

Joe surpreendeu ao Tony respondendo.

—Por que tu e Rocco não vão trabalhar na garagem? Tony e eu podemos limpar o lugar. Penso que seria melhor que não voltasse ali absolutamente.

Daniel começou a morder seu lábio inferior e se voltou para o Tony.

—O que deveria fazer?

Rindo, Tony o derrubou em seu regaço.

—Joe não é só seu doutor, mas sim também seu amigo, e se ele pensar que isso é o melhor, nós deveríamos estar de acordo.

—Você não pensa menos de mim se não voltar ali, verdade? Tony olhou fixamente aos olhos do Daniel.

—Não acredito que haja algo que você possa fazer para me fazer pensar que não há nada em ti que não seja maravilhoso.

O canto da boca do Daniel se elevou em uma espécie de sorriso zombador.

—Você não sabe tudo.

—Não, tem razão, mas espero que algum dia sim, e te amarei mais por me dizer isso. — Tony podia ver a dúvida ainda na cara do Daniel, mas decidiu não empurrá-lo. Daniel fazia bastante por um dia — Você vá trabalhar sobre sua escultura e deixa todo o resto ao Joe e a mim.

Daniel deu uma cabeçada leve e Tony alisou seu cabelo detrás de suas orelhas.

—É um homem bom — sussurrou Daniel — não acredito que nunca saiba.

Depois de parar na empresa local de carga para comprar caixas, Tony e Joe subiram pelo elevador ao terceiro piso, ao apartamento do Daniel. Abrindo a porta, Tony se parou morto e olhou para trás ao Joe.

—Chama o 9-1-1.

Tony olhou para trás na pequena sala de estar enquanto Joe abria seu telefone. Com spray vermelho estavam pintadas palavras que decoravam as quatro paredes. As frases eram todas similares e todas pensadas para assustar ao Daniel. Deus estava aliviado de que Daniel nunca visse isto. As palavras foram de um simples: Onde está? Até a macabra: Deverias ter morrido.

Saindo do apartamento, Tony pôs as caixas ainda vazias no corredor e Joe foi atrás dele ao elevador. Entraram e desceram até o primeiro andar, e Tony golpeou a porta da gerente.

Uma velha mulher com uma trança larga e cinzenta respondeu:

—Sim?, Posso lhes ajudar... ohh, você é o amigo do Daniel. Recordo-lhe daquela noite horrível. Veio para recolher o correio do Daniel? Como está ele?

Como ela seguiu bombardeando-o com perguntas, Tony tentou conseguir dizer alguma palavra. Ele finalmente sustentou as mãos no alto. Ela eventualmente deixou de falar e o olhou com os olhos muito abertos.

Tony limpou sua garganta e sob suas mãos.

—Acabamos de vir do apartamento do Daniel. Nós mudamos para a minha casa e vínhamos pegar suas coisas. Quando abrimos a porta encontramos que seu apartamento foi destruído. A polícia está em caminho.

—Destruído? — perguntou a gerente, sustentando sua mão no peito — não ouvi nenhuma queixa de seus vizinhos sobre que tenham ouvidos ruídos estranhos ou algo.

—Nada está quebrado, só as paredes foram destruídas com spray de pintura. Somente pensei que deveria sabê-lo antes que cheguem — Tony começou a partir mas a gerente o parou.

—Espere — ela desapareceu um momento e voltou com uma caixa de sapatos cheia de cartas — São do Daniel. Poderia lhe dizer que lhe desejo o melhor?

—Sim, senhora. Vai deixar que cancele seu contrato de aluguel em virtude das circunstâncias?

—OH, querido — disse ela — É nossa política não permitir aos residentes sair do aluguel sem uma pena considerável. Mas sei que estas circunstâncias o atenuam — ela parecia pensar por uns segundos — Terá que perder seu depósito de segurança.

Pelo jeito ela não queria entender que passava, provocava que Tony ficasse raivoso, mas o que podia fazer ele.

—De acordo — grunhiu entre os dentes apertados.

Tomando a caixa de sapatos, Tony girou e abandonou o apartamento da gerente justo quando a polícia chegava à entrada.

Duas horas e meia mais tarde, Tony se sentou no assento de passageiros do carro esportivo do Joe. Eles se tinham ficado para a investigação inicial do apartamento do Daniel e tinham respondido a uma tonelada de perguntas.

—O que vou dizer ao Daniel? Obrigatoriamente vai notar que voltamos sem nenhuma caixa.

—Lhe diga a verdade, mas eu não entraria em detalhes. Esperemos que o laboratório criminal termine logo e poderemos começar outra vez pela manhã.

Tudo no que Tony podia pensar era o que teria passado se Daniel tivesse estado em casa quando o louco foi visitar seu apartamento. Não sabia tampouco quanta ajuda conseguiriam da polícia. Eles vieram e tomaram seu relatório, chamaram os investigadores da cena do crime, e se foram. Como ele, a polícia sabia que Daniel era consciente da identidade de seu atacante. Quanto mais pensava nisso, menos culpava à polícia. Inferno, ele amava ao Daniel e ainda estava frustrado e bravo porque não se abria sobre o que aconteceu.

Suspirando, Tony apoiou a cabeça para trás contra o assento.

—Esta vai ser uma longa noite.

CAPÍTULO SEIS

—Ah, Joe, pode me abrir o porta-malas? — perguntou Tony, enquanto levava uma caixa cheia de livros. O assento de trás já estava cheio de roupa e artigos pessoais que não queria que fossem movendo-se dentro do porta-malas enquanto atravessava a cidade. Quando foi deixar os livros notou que as cartas ainda estavam na caixa branca que a gerente do edifício do Daniel lhe tinha dado na tarde anterior. Tony duvidava que houvesse muito mais que propaganda porque tinham chamado às empresas de serviços públicos e tinham pedido que lhe remetessem as contas do Daniel, mas tinha que lembrar-se de dar-lhe ao Daniel quando chegasse a casa.

Levou outra caixa ao apartamento e começou a recolher a prateleira inferior da estante. Sorriu ante o enorme número de livros de arte e ficou surpreso quando por acaso encontrou um álbum de fotos. Compreendeu que era a primeira coisa realmente pessoal que tinha visto no apartamento. Daniel não parecia ter fotografias em nenhum outro lado.

Curioso, Tony abriu o álbum. As primeiras páginas eram de um adorável bebê nos braços de

uma mulher. Tony imaginou que eram Daniel e sua mãe. Desejava conhecer mais da vida do homem que amava. Nem sequer sabia se seu amante estava unido a sua família. Enquanto passava as páginas pôde ver como os anos foram passando. Uma foto do Daniel com um traje negro de pé ante uma tumba lhe rompeu o coração. Daniel se via tão sozinho. Não podia ter mais de dez anos. Um homem grande de pé ao seu lado também parecia triste, mas por sua linguagem corporal, eles não conseguiam estar cómodos um junto ao outro.

Deslizou seu dedo pela cara do moço que Daniel tinha sido, apertou os olhos e suspirou. Não podia seguir interiorizando toda a dor do Daniel. Já tinha visto o que essa dor tinha feito ao Daniel. Tony tinha necessitado ser forte para ajudar a seu amor a sair do buraco no que se enterrou. Sacudindo sua cabeça girou a página e deixou cair o álbum ao chão.

—Joe!

Seu amigo entrou correndo no apartamento.

—O que acontece?

Tony assinalou para o álbum.

—Acredito que poderia conseguir mais respostas aqui das que te poderá dar Daniel.

A frente do Joe se enrugou quando olhou para onde Tony assinalava. Inclinando-se, Joe recolheu o álbum e o levou para o sofá.

—Quer ver isto?

—Não. Sim. Merda, não sei — Tony passou os dedos pelo cabelo enquanto se sentava no sofá.

—Isto não é informação confidencial entre doutor e paciente. Na realidade acredito que Daniel sabia que você veria isto. Sabemos que ele proibiu que ninguém falássemos de seu passado, mas obviamente pensou que podia te dizer algo desta forma.

Voltando até a primeira página, Joe viu o menino feliz que Daniel tinha sido antes do que imaginava que era a morte de sua mãe. Joe pareceu estudar a foto do enterro tanto tempo como Tony o tinha feito, obviamente vendo a mesma dor.

Ambos suspiraram quando Joe passou a página. Havia um Daniel jovem no que parecia uma jaula de um metro por um metro. Tony tragou a bÍlis que subiu por sua garganta enquanto Joe continuava. As seguintes fotos eram similares, Daniel com só com a roupa interior e uns livros e uma manta como companhia. Conforme avançavam as páginas, avançava a idade do Daniel. De repente, um Daniel adolescente aparecia em uma jaula diferente, menor que a anterior. Sem mais roupa que antes, mas com um colar de couro negro.

—Merda — disse Tony, levantando-se para ir correndo ao banheiro.

Caindo sobre seus joelhos diante do vaso sanitário, Tony esvaziou seu estômago até que o espasmo terminou. Não queria ver mais, o que tinha visto o atormentaria para o resto de sua vida.

Enquanto continuava ali sentado, com a cabeça entre suas mãos, Tony tentou imaginar como tinha conseguido Daniel ser tão normal como era. Por sua aparência, a gente não poderia imaginar os anos de tortura que tinha suportado. Como tinha conseguido aferrar-se a sua humanidade? Como demônios havia conseguido escapar e manter-se afastado de seu captor?

—Está bem? — perguntou Joe do vestÍbulo.

—Não — respondeu Tony, levantando do chão e se enxaguou a boca no lavabo antes de voltar a unir-se ao Joe no sofá.

—Há algo mais que quero que veja — disse Joe, passando um braço sobre os ombros do Tony. Ele assentiu e se preparou. Joe abriu o álbum pela última página. Havia uma foto da graduação do Daniel. A mão de um homem descansava firmemente sobre seu ombro, mas o resto do corpo tinha sido rasgado da foto.

—Como? — perguntou Tony — Como se passa de uma jaula à foto de graduação?

—Não sei — disse Joe fechando o álbum — Mas acredito que há muito mais na história do Daniel do que mostram estas fotos — deixou o livro sobre a mesa de café e se apoiou para trás

esfregando sua cara — Tony, isto é muito para mim. Ele necessita de um doutor melhor, alguém que entenda desta classe de abuso. Pensei que o passado do Julian tinha sido traumático, mas isto... — gesticulou para a mesa — isto é ainda pior.

Tony se girou para seu amigo.

—Então agarra o telefone e fala com quem tem que fazê-lo, porque Daniel conta contigo. Ambos sabemos que não só se sentirá abandonado, também se sentirá envergonhado se deixar de tratá-lo.

—E se lhe faça mais dano? — perguntou Joe sacudindo a cabeça.

—Olhe o longe que chegou. Daniel tem que ser a pessoa mais forte que eu tenha conhecido. Ele merece isto, e você pode fazê-lo. Ajudarei-te em casa, lhe encherei de tanto amor e afeto que se sentirá sufocado de vez em quando, mas ele o merece — apertou a coxa do Joe para conseguir sua atenção — O merece.

—Sim, eu farei — finalmente Joe esteve de acordo.

Colocando a última das caixas em um dos dormitórios de convidados, Tony olhou a seu redor. O quarto agora sustentava todos os pertences do Daniel. Toda sua vida em seis caixas.

—Tony, está em casa? — soou a voz do Daniel.

—Estou aqui, amor — Tony recolheu a caixa com o correio da cama quando Daniel entrou no quarto — Como foi seu dia no estúdio? — ele se tinha preocupado que Rocco deixasse ao Daniel sozinho na universidade, mas Daniel insistiu que precisava preparar suas classes e assegurar-se de que tudo estivesse preparado para o primeiro dia.

—Bem, tomei algo no bar. Espero que não te importe.

—Não, claro que não — Tony deixou a caixa e rodeou com seus braços ao Daniel. Assinalou para a caixa — Há uma caixa com correio que sua caseira guardou para ti — lhe deu um beijo a seu homem e o guiou para fora do quarto.

—Faminto? — Tony esteve orgulhoso dele mesmo por não envenenar ao Daniel com seu afeto depois do que tinha visto antes. Tinha passado o resto da tarde fazendo que Joe lhe ensinasse como tratar com os horrores que tinham visto. Ao final, confessou ao Joe sua completa carência de motivação para tentá-lo e dominar a Daniel de qualquer modo. Joe foi um apoio, disse-lhe que teria que tocar de ouvido, observar Daniel e tentar ler suas necessidades.

—Eu gostaria de fazer espaguete se te parecer bem. Sei que temos os ingredientes porque olhei esta manhã.

Tony podia ver a necessidade do Daniel escrita por toda sua maravilhosamente inocente cara.

—Eu gosto dos espaguetes. Minha mãe estava acostumada fazê-los para meu aniversário.

Daniel se ruborizou e se girou para examinar os olhos do Tony.

—Lamento-o, mas pode ficar decepcionado com meus. Não tenho nem um só osso italiano em meu corpo.

Rindo, Tony beijou a têmpora do Daniel.

—Bom, eu não tenho outra coisa que ossos italianos em meu corpo e não sou capaz de fazê-los como os fazia minha mãe. Não se preocupe amor, eu gostarei deles — Tony tomou assento na cozinha e olhou como Daniel começava a preparar o jantar — Tem algum prato favorito que sua mãe estivesse acostumada te fazer? — Tony sabia que se arriscava mencionando o passado do Daniel, mas vendo as fotos tinha podido comprovar que aqueles anos com sua mãe tinham sido sua época mais feliz.

O sorriso na cara do Daniel foi uma confirmação de que tinha razão.

—Bolo de carne. Sei que a maior parte dos meninos o odeiam, mas eu adorava, vivia para as segundas-feiras, minha mãe tinha um sistema, as segundas-feiras bolo de carne, as terças-feiras tacos, as quartas-feiras variavam, as quintas-feiras panela de Atum ou Pescado, as sextas-feiras...

—se encolheu de ombros—, bom, pode fazer uma idéia.

—Isso significa que me fará bolo de carne depois que você voltar do seu primeiro dia de trabalho? — Tony desfrutava vendo o Daniel assim, despreocupado, falador.

—Poderia fazê-lo se você gosta. Tony se encolheu de ombros.

—Sonha bem. Não acredito ter comido bolo de carne em anos. Faz também purê com esse molho marrom escuro?

—É obvio, de que outra forma poderia fazê-lo? — disse Daniel com um sorriso de orelha a orelha.

—Eu gosto de te ver sorrir, isso esquentava a casa inteira. A risada do Daniel se converteu em rubor.

—Obrigado, passou muito tempo desde que me senti assim.

Tony decidiu que já tinha sondado bastante para uma tarde e acomodou-se para olhar como Daniel se movia com graça pela cozinha. Mais tarde, quando Daniel recolheu os pratos sujos ainda sorria. Não tinha pensado em sua mãe em muito tempo. Estava agradecido ao Tony por recordá-lo. As segundas-feiras de bolo de carne haviam lhe trazido lembranças felizes. Sua mãe era a mulher mais bonita que alguma vez tivesse visto. Todo mundo a queria, os vizinhos, seus colegas de trabalho, e sobre tudo ele e seu pai. Embora seu pai nunca mostrasse nenhum amor verdadeiro por Daniel, era evidente que estava profundamente apaixonado por sua mãe.

Daniel ainda podia recordar de olhar do corredor como seus pais dançavam lentamente na cozinha. Às vezes sua mãe ligava um pequeno rádio, mas a maior parte das vezes, eles pareciam mover-se com sua própria música. Daniel jogou uma olhada ao Tony que trabalhava em seu computador portátil na mesa da cozinha. Ele faria bem em aprender a lição que seu pai tinha aprendido. Nunca centre seu universo ao redor de uma só pessoa. Ele não culpava a seu pai pelas coisas que tinha feito. O dia do acidente foi o dia que George Willis perdeu a cabeça e sua humanidade.

—Terminaste? — perguntou Tony.

Compreendendo que tinha suas mãos dentro da água quente Daniel rapidamente as retirou.

—Sim, quase terminei — respondeu Daniel. Abriu a água fria e pôs suas mãos avermelhadas sob o grifo. Quando a queimadura começou a descorar-se, Daniel fechou a água e secou suas mãos com cuidado com um pano de cozinha.

—Gosta de ver um filme? — Tony fechou seu computador portátil e caminhou para ele.

—Hum, sim, suponho — sorriu quando Tony rodeou com um braço sua cintura e juntos se dirigiram ao quarto da televisão.

—Tenho muitos DVD Quais são seus favoritos? — Tony abriu a porta junto ao televisor de tela grande.

Daniel jogou uma olhada aos títulos. Tinha visto muito poucos filmes em sua vida assim procurou uma que lhe parecesse familiar, não querendo parecer um idiota.

—Ooh, eu sempre quis ver este — tirou um filme da estante.

—A guerra das galáxias? Quer dizer que não assistiu? — Tony riu em silêncio — Moço, estás com sorte. Tenho a coleção inteira, se você gostar desta, já temos entretenimento para todas as noites desta semana.

Olhar ao Daniel resultou muito mais entretido que olhar a Guerra das Galáxias pela centésima vez. Demônios, era melhor que vê-la pela primeira vez. Tony não podia apagar o sorriso de sua cara enquanto olhava ao homem mais jovem acurrucado em seus braços. Pôde sentir cada sobressalto e cada sorriso silencioso quando Daniel caiu na luxúria ao ver Han Solo. Tony sorriu abertamente, ele podia recordar quando o filme apareceu pela primeira vez nos cinemas. Não acreditava que houvesse um só homem gay no mundo que não teria se jogado nos braços do Harrison Ford. Depois desta série teria que introduzir ao Daniel em filmes como a Arca perdida.

—Quer pipocas de milho? — perguntou Tony passando sua mão acima e abaixo pelas costas do

Daniel.

—Sim, por favor, eu farei — Daniel começou a incorporar-se, sem apartar os olhos da tela.

—Sente-se — Tony o empurrou de novo no sofá junto a ele — Vi este filme antes. Não passa nada que perca uns minutos.

Daniel o olhou e mordeu o lábio inferior. Seus olhos se moveram entre a cara do Tony e o filme.

—Eu realmente deveria as preparar. Tony deu um rápido beijo ao Daniel.

—Sente-se — ordenou — Conseguirei as pipocas de milho.

Daniel lhe dirigiu meio sorriso e girou sua cara de novo ao espetáculo.

Depois de fazer as pipocas nas microondas e de agarrar duas coca-cola da geladeira, Tony retornou ao quarto justo quando um valente Obi-Wan-Kenobi morria nas mãos do Darth Vader. Esperou na porta observando a reação do Daniel ante a cena. Quando viu que Daniel limpava as lágrimas de suas bochechas se sentiu como uma merda. Caminhou para o sofá e deixou as pipocas e as coca-cola sobre a mesa de café. Sem dizer uma palavra se sentou e atraiu ao emocionado Daniel até seu regaço.

—Está bem, amor, está bem. Não viu a forma em que Obi- Wan olhava ao Luke? Ele sabia que Luke encontraria sua força e estaria melhor sem ele.

Daniel assentiu.

—Sim, entendo-o porquê crê que choro? Ele viu que Luke estaria melhor sem ele, assim que se sacrificou.

Tony apertou seus braços ainda mais fortemente ao redor de Daniel.

—Eu tinha nove anos a primeira vez que vi o filme e me lembro como o inferno de tentar não chorar diante de meus amigos. Vendo a angústia nos olhos do Daniel, Tony soube que necessitava um descanso.

—Vamos desligar isto por agora. Podemos terminá-lo mais adiante esta semana.

Daniel assentiu.

—Tenho que trabalhar pela manhã de todas as formas. Será agradável ter uma razão para me levantar outra vez.

Tony deu a Daniel um beijo lento, sondando as profundidades de sua boca, provando a inocência perdida no homem que amava.

—Você me tem agora. Isso faz duas boas razões para levantar-se pelas manhãs — quando apagou o filme e levantou o Daniel, Tony continuou lhe dizendo motivos para continuar sobre a terra — Está sua arte, e seus estudantes, não se esqueça deles. E certamente não pode esquecer a seus amigos e o mais importante que tem que recordar são as segundas-feiras de bolo de carne de agora em diante.

CAPÍTULO SETE

Conduzindo ao Daniel através da cidade para o campus, Tony não podia manter os bocejos. Tinha conseguido dormir muito pouco a noite anterior. Depois de fazer o amor ao Daniel não tinha podido deixar de pensar nas imagens. Apesar do que Daniel lhe havia dito, Tony podia dizer que ele tinha ansiado seus suaves toques. Então por que lhe fez acreditar que necessitava um amo?

—Sinto muito, fiz algo mal, verdade? — perguntou Daniel com os olhos abatidos.

Tony passou através do console o braço e alcançou a mão de Daniel.

—É obvio que não, por que crês?

—Estiveste intranquilo desde que despertamos. Tinha medo de que meu comportamento licencioso te tivesse feito infeliz comigo.

—Não, só estava pensando — Tony conduziu outra milha mais ou menos antes de esclarecer sua

garganta — Posso te perguntar algo? Trata-se do homem que te atacou. Não vou perguntar-te de novo sobre sua identidade, mas há algo que preciso saber.

— Muito bem — murmurou Daniel.

— Era seu amo? — Lhe fazer a pergunta lhe doeu inclusive mais que pensá-la, mas Tony precisava saber por seu próprio bem-estar mental.

— Não — Daniel sacudiu a cabeça — Não, ele quis ser. Esta era sua forma de demonstrar seu desejo de me dominar.

Tony sentiu como se lhe golpeassem o estômago.

— Por isso quase te mata?

Daniel se encolheu e olhou pela janela de seu lado.

— Ele não era muito bom nisso. Essa é a razão pela que o rechacei, em primeiro lugar. Eu pude lhe dizer que ele não tinha o controle necessário.

— Então o ataque foi contra sua vontade, verdade? — Tony nem sequer tinha considerado outra coisa, mas agora não estava seguro. Daniel retirou sua mão da do Tony.

— Eu não lhe convidei a me fazer isso — resmungou. Isto era o mais próximo que Daniel tinha chegado a expressar um desgosto com ele. Tony sentiu-se mal pelo que tinha assumido, mas estava contente de ver como Daniel tentava ficar a sua altura, inclusive se isto era uma resposta resmungada.

Parando no estacionamento, Tony apagou o motor e se voltou para o Daniel.

— Me perdoe, por favor. Estou tentando entender isto. Ajudaria se você quisesse te abrir, mas não acredito que me ame o suficiente para isso ainda.

Diabos, ia ao inferno. Tony sabia que estava plantando sementes na mente do Daniel. Sabia que Daniel o amava, mas doeria ao Daniel pensar que Tony questionasse a profundidade de seu amor? Ele esperava que isto não fosse contraproducente.

— Eu te amo — sussurrou Daniel.

Tony sentiu uma faísca de esperança. Tinha tido razão. Talvez este fosse o modo de conseguir que Daniel se abrisse. Inclinou-se sobre ele, Daniel lhe deu um beijo, sorrindo quando se separou com o gosto do dentifrício do Daniel sobre seus lábios.

— Me chame ao escritório quando estiver preparado para que te recolha.

— Está bem — Daniel começou a sair do carro, mas Tony o parou outra vez.

— Daniel — quando este olhou para trás, ele seguiu — amo-te, mais do que nunca amei a outro — Tony sabia que soava tolo, mas era o que pensava.

Conseguiu um sorriso antes que Daniel saísse do carro. Tony o olhou caminhar para o edifício de Belas artes. Quando ele estava a uns quarenta e cinco metros da entrada, os estudantes começaram a lhe rodear, lhe dando boas-vindas. Depois de assegurar-se de que Daniel estava bem rodeado por amigos, dirigiu-se ao trabalho.

— Bom dia, Estelle — saudou Tony a sua secretária.

— É pela manhã, mas não tão boas — respondeu ela, com os óculos postos sobre a ponta do nariz.

— Oh, oh... O que deixou a minha garota de um humor tão mau a primeira hora da manhã? — Tony se sentou na esquina do escritório do Estelle e esperou.

— Não que, quem — ela fez sinais para o escritório do Tony — O disse que não era bem-vindo aqui, mas me disse que fosse a merda. Tem sorte. Quase chamei segurança por seu arrogante traseiro.

Tony se surpreendeu. Nunca tinha ouvido o Estelle dizer palavrões nos onze anos que levavam trabalhando juntos. Maldição, Christian devia realmente estar jogando fogo.

— Tomarei cuidado com ele — se inclinou sobre o escritório e deu um beijo na testa de sua assistente.

Andando para seu escritório, se deteve e olhou ao homem impecavelmente vestido que se sentava diante de sua mesa. Christian, o duplo canalha, que não era nada, comparado com o Daniel; era como comparar às maçãs com as serpentes. A única coisa que tinham em comum era ele. Estava agradecido porque Daniel era seu futuro, porque ele estava repugnado de seu passado. Tinha estado cego durante muito tempo, e Christian realmente tinha se aproveitado bem.

—Olá, carinho — disse Christian com uma voz suave.

—Eu não sou seu carinho. O que está fazendo aqui? — tirando o casaco, Tony o pendurou sobre um cabide dentro de um pequeno armário de seu escritório. Em vez de sentar-se detrás de seu escritório, Tony ficou frente a Christian e cruzou os braços.

—Esta é sua forma de me saudar? Não te vi há meses — Christian passou uma mão por seu cabelo perfeitamente talhado. Isto recordou ao Tony quanto preferia o suave cabelo loiro do Daniel ao muito penteado do Christian de que estava orgulhoso.

—O que quer?

Christian elevou uma mão e tocou a coxa do Tony.

—Pensei que você gostaria de jantar no The Grog and Gallery depois do trabalho.

Tony alcançou e apartou com força a mão do Christian.

— The Grog and Gallery? Não é o mesmo restaurante no que jantou no Dia dos Namorados com sua pequena cabeça vermelha — Christian teve a decência de parecer envergonhado — Para. Não vou jantar contigo, ali ou em qualquer outro lugar, nunca. Assim que te sugeriria que saísse daqui e não voltasse.

Christian se levantou e arrumou suas calças.

—O que passa contigo? Não me diga que começaste a sair com alguém? Quanto tempo pensa seguir com isto? — a voz do Christian começou a perder tranquilidade — Talvez se tivesse passado mais tempo em casa em vez deste lugar nós ainda estaríamos juntos. Talvez não tivesse ido procurar a alguém para encher o vazio que deixou atrás.

Tony sabia que suas largas horas tinham sido parcialmente responsáveis pelos olhos vagabundos do Christian, mas ele preferia ser condenado que ter que pagar por tudo isto.

—Talvez, Christian, se tivesse sido fiel, este bate-papo significaria algo para mim, mas não foi e não é assim. Sai.

—Assim há alguém mais?

—Sim, e ele já significa mais para mim do que você nunca o fez — Tony suspirou e passou suas mãos por seu curto cabelo negro — Escuta, acredito que nós tínhamos terminado muito antes que me enganasse, a não ser certamente, que me enganasse antes com alguma além da ruiva — sacudiu a cabeça — O ponto é que compreendi que o que nós tínhamos juntos era mais um hábito que uma relação. Não estou zangado contigo pelas armadilhas, porque ao final, estou muito melhor sem ti.

A cara do Christian passou por uns fantásticos tonalidades de vermelho quando assumiu sua raiva.

—Você não tiveste o último de mim, Tony. Eu te ajudei a construir esta empresa e vou conseguir o que me corresponde.

—Oh, isso é o que queria? Bom, me deixe te pôr a par: documentei muitos enganos da contabilidade em suas mãos para te despedir por desfalque por um bom número de anos. Se realmente quer empurrar esta questão, vá ver o que consegue.

Estreitando os olhos, Christian girou e saiu do escritório e Tony lhe seguiu. De maneira nenhuma ia permitir dizer uma palavra a Estelle. Quando começou a parar-se na mesa do Estelle, Tony teve aí uma razão para lhe dar um empurrão para o elevador.

—Não volte.

Depois de que as portas finalmente se fecharam depois de Christian, Tony olhou ao Estelle e

sacudiu a cabeça.

—O que vi nele alguma vez?

Estelle riu.

—Ele não sempre foi assim.

—Hum, pergunto-me...? — Tony olhou fixamente por onde tinha saído Christian durante uns momentos. Por que tinha desperdiçado tantos anos de sua vida com um homem assim? Perdia seu tempo também com Daniel? Não, ele se tirou esse pensamento imediatamente. Daniel não era em nada como Christian. Tony encontrou uma agradável tarefa em que pensar.

—Poderia chamar o pessoal e lhes perguntar se têm os arquivos sobre os gerentes e os chefes de departamento? É tempo de que encontremos um novo vice-presidente.

—A nível local ou todas as filiais? — perguntou Estelle agarrando o telefone.

—Todas as filiais, também poderia lhes dar a todos uma oportunidade. A não ser que o tenha reconsiderado e esteja disposta a postergar sua aposentadoria durante outros dez anos ou mais? — riu e elevou uma sobrancelha negra. Estelle fez rodar seus olhos.

—Chamo o pessoal agora mesmo.

Tony fez malabarismos com as funções normais assim como, vendo os impressionantes fichários de pessoal. Tinha estreitado a seleção a quatro candidatos com bastante facilidade. Agora era questão de ter entrevistas com os quatro. Com os dois administradores que estavam no edifício não havia problema para falar, mas teria que falar com o Estelle para fazer os acertos da viagem dos outros dois.

Colocando os arquivos em sua carteira, Tony se estirou. Fora do edifício estava escuro. Olhando seu relógio se surpreendeu ao ver que eram às seis e meia. Agarrando seu telefone, Tony decidiu ver porque Daniel não lhe tinha chamado ainda. Quando Daniel não respondeu, Tony sentiu como se encolhia seu coração e começava a pulsar veloz. Tinha ocorrido algo?

—Para — se disse — só te acalme e chama o Rocco. Talvez Daniel fosse dar um passeio a casa depois de classe.

—Olá!

—Olá, Joe está Rocco em casa? — Tony pôs o telefone entre sua bochecha e seu ombro enquanto colocava a jaqueta do traje.

—Sim, ele chegou a casa faz várias horas. Está na garagem. Quer que lhe chame?

—Poderia lhe perguntar se levou Daniel para casa? Supunha-se que ia chamar quando estivesse preparado para sair e até agora nada. Tentei lhe chamar a seu telefone, mas não há sorte.

—Espera — Tony podia ouvir Joe abrindo a porta e continuando, lhe fazer um par de perguntas sussurradas ao Rocco — Tony? Rocco diz que Daniel ainda trabalhava quando ele partiu. Segundo Rocco, Daniel esteve trabalhando no busto que começou aqui. Suponho que nem sequer parou para o almoço. A conjectura do Rocco é que ele simplesmente perdeu a noção do tempo.

—Isso espero. Eu não gosto que esteja sozinho ali — Tony disse adeus e agarrou sua carteira no caminho para a porta.

Entrando no estudo, Tony sacudiu a cabeça ante a porta aberta.

—Daniel — disse, descobrindo ao Daniel no lugar de trabalho. Daniel nem sequer elevou a vista, do absorto que estava em sua escultura.

Quanto mais se aproximava do Daniel mais se zangava. Estava tão perdido em seu trabalho que alguém poderia ter entrado pela porta aberta e lhe fazer dano.

—Daniel — disse Tony com uma voz severa quando esteve de pé diretamente sobre o homem menor.

Daniel elevou a vista, aparentemente aturdido durante uns segundos antes de pôr um sorriso em sua magnífica cara.

—Olá.

Tony suspirou e sacudiu sua cabeça. Agachando-se, deu-lhe um beijo ao Daniel.

— Assustou-me um montão.

— Eu? Sinto muito, fiz algo mal?

— Supunha-se que me foste chamar — Tony olhou a seu redor da sala vazia, com um sentimento de frustração lhe atravessando o corpo — E o que está fazendo aqui só sem fechar a maldita porta?

Daniel se estremeceu visivelmente com o tom de voz do Tony.

— Sinto muito, Senhor — disse mordendo o lábio — Me passa isso quando estou trabalhando — Daniel afundou a cabeça no peito, os olhos olhando ao chão — Não quis que se preocupasse por mim.

Suspirando, Tony começou a envolver seus braços ao redor de Daniel, mas olhou a argila do avental manchado e trocou de idéia.

— Por que não te limpa e vamos? Supunha-se que ia fazer bolo de carne, ou te esqueceste?

A leve sacudida de sua cabeça com a que assentiu, não fez nada para aliviar a culpa do Tony por gritar. Quando Daniel se foi a pia, Tony olhou o busto em que Daniel havia estado trabalhando. Depois de estudá-lo durante uns momentos, compreendeu que era ele. Daniel tinha estado trabalhando sobre o cabelo. Ao parecer esculpindo cada onda e os leves cachos na argila.

Ouvindo o Daniel que se parava detrás dele. Girou sua cabeça.

— Isto é sobre o que estava trabalhando?

— Sim, este é o segundo. O primeiro foi destruído quando...

Tony poderia ter jurado que Daniel quase deixou escapar o nome.

— Preparado? — perguntou.

— Só um minuto, quero cobri-lo e colocá-lo seguro — Daniel partiu e voltou com um pano úmido e plástico. Depois de envolver o busto, levantou com cuidado a madeira compensada onde estava posto e o levou para um gabinete. Uma vez fechado, Daniel olhou ao redor da sala antes de dar ao Tony uma cabeçada — Preparado.

Envolvendo seu braço ao redor da cintura do Daniel, Tony lhe conduziu fora da sala — de - aula. Quando Daniel fechou a porta, Tony lhe deu um leve apertão.

— Me prometa que fechará a porta depois de que o último estudante saia da sala — de - aula. Se alguém quer entrar, eles sempre podem chamar, mas é muito perigoso não tomar precauções.

— Lhe prometo — sussurrou isso Daniel. Vacilou uns segundos antes de olhar ao Tony — Ainda está zangado comigo?

Sacudindo sua cabeça, Tony puxou Daniel contra seu peito e o beijou.

— Nunca estive zangado, somente preocupado, e um pouco frustrado. Amo-te.

— Eu também te amo.

— Bom, me alegro de havê-lo esclarecido, agora exatamente quanto se demora em fazer um bolo de carne?

Depois de tomar banho, Daniel se uniu ao Tony sob os lençóis. Atraindo-o em seus braços, Tony gemeu quando beijou os doces lábios do Daniel. Seu pênis endureceu, quando Daniel abriu sua boca, dando ao Tony rédea solta. Rodando sobre a parte superior do Daniel, Tony moeu a prova de seu desejo contra Daniel com seu duro pênis rapidamente.

— Você me volta louco — sussurrou Tony — Te quero pela amanhã, ao meio-dia e de noite. Começou a balançar-se contra Daniel.

— Sabe que me pode tomar quando quiser, verdade? — Daniel inclinou sua cabeça para trás quando Tony lambeu um caminho ao redor de seu pescoço, detendo-se beijar o lugar da cicatriz.

— Me faça o amor — murmurou Tony.

— O que? — Tony sentiu ficar rígido o corpo do Daniel. Fazendo-o retroceder o bastante para ver a cara do Daniel, Tony o disse outra vez.

— Quero-te dentro de mim. Por favor, faz amor comigo. Daniel sacudiu a cabeça.

—Não posso. Não sei como. Por favor, por favor não me peça isso!

Tony sentiu que Daniel começava a tremer. Tinha sido uma idéia estúpida. Tinha esperado tratar de mudar ao Daniel, lhe dar algo do poder que tinha perdido ao longo dos anos.

—Shhh, está bem, sinto muito. Não queria que te incomodasse.

Com muitos sussurros e calmas, Daniel finalmente se acalmou.

—Quer que lhe chupe, Senhor?

Com uma sacudida de sua cabeça, Tony chegou à mesa do lado.

—Quero fazer amor contigo. Se isso significar que sempre estarei em cima, então isso é o que significa.

Daniel alcançou entre eles e abrigou sua mão ao redor do pênis meio duro do Tony. Tony estava um pouco surpreso pelo movimento. Normalmente, Daniel não começava, mas esperava que Tony lhe dissesse o que queria lhe fazer. Tinha sido uma evolução ao recuperar o endurecido pênis do Tony. Rasgando o invólucro da camisinha, Tony se surpreendeu quando Daniel tomou e a fez rodar ao longo de seu endurecido pênis. Quando Tony alcançou o lubrificante, Daniel sacudiu sua cabeça.

—Eu já me ocupei disto, Senhor, quando saí da ducha. Espero que não pense que sou presunçoso, só queria estar preparado em caso de que me necessitasse.

Colocando-se no buraco aberto do Daniel, Tony sacudiu sua cabeça.

—Sempre te necessitarei, e não me importa.

Entrou lentamente dentro do corpo quente de Daniel, apertando seus dentes para evitar o iminente orgasmo. Uma vez que seu pênis passou o anel exterior dos músculos, o corpo do Daniel pareceu tragá-lo.

—Tão bom — gemeu enterrando-se até o punho. Tony continuou sussurrando palavras de amor enquanto se bombeava no corpo apertado do Daniel.

—Amo-te... sempre.

A cabeça do Daniel começou a deslocar-se para frente e para trás sobre o travesseiro, e Tony soube o que necessitava.

—Te toque, carinho. Mostre-me quanto me quer.

—Ahh — Daniel gritou quando o calor se salpicou entre eles.

—Sim, isso é tudo, amor — Tony sentiu apertar o corpo do Daniel ao redor dele, quando ele lutava por manter-se. Reatando seu ritmo, levantou-se em um ângulo diferente que tocava a próstata do Daniel. O corpo gasto do Daniel começou a tremer, por seus repetidos gemidos na habitação.

—Tão sexy — disse Tony, o suor gotejava pela cara e o torso do Daniel. Nem sequer via suas cicatrizes, só o homem sob seu mando. Os olhos do Daniel estavam conectados com os seus. Tony viu a esperança e o amor na profundidade. Seu peito se apertou quando ele esvaziou sua semente.

Depois de tirar a camisinha, Tony se recostou na cama, feliz de ter ao Daniel imediatamente pego contra seu peito. Estava quase dormindo, quando Daniel levantou sua cabeça. Tony era consciente do homem em seus braços, abrindo seus olhos imediatamente.

—Passa algo?

Podia ver o Daniel morder seu lábio pela luz da lua que se filtrava através das persianas.

—Se não puder fazer amor contigo, você procurará alguém que possa?

—Não — Tony esmagou seus lábios contra os do Daniel — Nunca me apartarei. Você tem que acreditar. Fazer amor contigo é um presente e eu não o poria em perigo por nada.

—Obrigado — disse Daniel, sua cabeça descansando sobre o peito do Tony.

Pouco depois, ambos estavam dormindo, abraçados nos braços do outro.

—Não esqueça nossos planos para o jantar. Deveria passar para recolher Jace ao redor das seis. Deixei-o em seu hotel, para que se arrume enquanto te recolho. Nossas reservas são para as sete e trinta. Daniel deu um passo até ele e arrumou, excessivamente, o nó da gravata e se encolheu de ombros.

—Sempre está impecável — elevando-se sobre as pontas dos pés deu um beijo ao Tony — estarei preparado. Pus o alarme de meu telefone e deixei Rocco encarregado de me lembrar.

Tony riu em silêncio.

—Está-te atando como uma persiana.

Com um encolhimento de ombros, Daniel sorriu abertamente.

Tony gostava desse sorriso em particular. Dizia-lhe que o passado não deixava rastro no presente, e felizmente, havia estado conquistando aqueles sorrisos com bastante frequência ao longo da semana passada.

Daniel se dirigiu à porta.

—Prometo estar tão escovado e limpo como é possível antes que chegue a casa.

—Muito mal. Eu esperava te agarrar na ducha — Tony olhou com lascívia ao Daniel. Vendo como subia o rubor nas bochechas do Daniel, Tony riu outra vez — Mas posso esperar até o final de nosso jantar de negócios.

—Está realmente seguro de me querer ali? Penso que não conheço nada sobre seu negócio, mais que desenvolve uma espécie de software — Daniel apoiou sua frente contra o peito do Tony — Só não quero te envergonhar.

—Me envergonhar? Está brincando? — inclinou o queixo de Daniel até examinar seus olhos — É uma das pessoas mais simpáticas que conheço e muito bem versado em uma ampla gama de temas — alcançou abaixo e apertou o doce traseiro do Daniel — Além disso, é atrativo como o inferno e eu gosto de saber que está ao alcance de meu braço.

—Ah, não sou tão simpático. Deveria tentar falar com meu pai. Era absolutamente brilhante, um bioquímico.

Daniel de repente deixou de falar e Tony suspirou internamente. Quis saber mais sobre este homem brilhante, que manteve a seu filho em uma jaula.

Daniel deveu notar o olhar de incredulidade na cara do Tony. Retirou seus braços e olhou ao chão.

—Viu as fotos, verdade?

Tony estendeu a mão e a passou por cima da cabeça de Daniel.

—Sim. Tem vontades de falar disso?

Mordendo o lábio, Daniel sacudiu a cabeça.

—Agora não, chegará tarde ao trabalho.

Inclinando o queixo do Daniel para ele, Tony lhe deu um beijo suave.

—Sempre terei tempo para ti.

Daniel examinou seus olhos durante vários segundos.

—Tenho que conseguir primeiro esclarecer algumas coisas diretamente em minha cabeça, mas tem que saber que amei a meu papai. As coisas que ele fez não eram culpa dele.

Tony tentou controlar a cólera em sua voz, quando lhe perguntou:

—Crê que eram por sua culpa?

—Não, penso que era sua forma de amar.

—Como é isso? — perguntou, aproximando do Daniel a seu peito. Daniel se encolheu outra vez e descansou a cabeça atrás no peito do Tony.

—Meu papai pôs todos seus ovos na cesta de minha mamãe. Um caminhão veio e rompeu a cesta, rompendo ao homem mais simpático que eu conhecia. Ele me viu como seu último ovo, então tentou a sua maneira me proteger do mundo exterior — elevou a vista para Tony — O que

viu foi seu amor por mim. Tony sacudiu sua cabeça.

—Não duvido que seu pai te amasse, mas esse amor, não era amor. Não sou doutor, e não conhecia seu pai, mas parece como se tivesse perdido a razão ao encerrar-se na pena. Seguiu trabalhando depois da morte de sua mãe?

—Não, ele não pôde por que teve que assegurar-se que estava a salvo. Ensinava-me em casa — Daniel o dizia como se realmente acreditasse, isto lhe preocupou.

—Seu papai ainda vive?

Imediatamente, Tony viu a mudança no Daniel. A porta fechada de repente à obtenção de mais informação.

—Não — sussurrou Daniel — Se matou depois de assegurar-se que tinha cuidado de mim — Daniel se separou e colocou sua jaqueta — Mais vale que vá, antes que chegue tarde a minha primeira classe. Estarei preparado por volta das seis.

Antes que Tony pudesse pará-lo, Daniel se apressou pela porta.

—Merda — disse ao quarto vazio.

Correndo atrasado para o jantar, Daniel tomou rapidamente uma ducha, entrou no dormitório para decidir o que ia vestir. Quando examinou sua roupa, descobriu a caixa de correios no fundo do armário. Dissuadido sobre a decisão sobre o que ficar, Daniel se sentou no chão e começou a examinar a correspondência. A maior parte parecia propaganda. Havia um boletim de notícias de ex- alunos de sua universidade.

Deixou isto a um lado e seguiu revisando-o. Um sobre branco de cinco por sete chamou sua atenção. Sem remete, recebeu imediatamente. Sabia o que poderia ter sido, mas o que continha era um mistério, não estava seguro de se queria resolvê-lo. Deixando o sobre a um lado, Daniel retrocedeu em busca de algo que colocar. Sabia que nada bom sairia de abrir aquilo mas, seria justo atirá-lo? Sim, seria o melhor para ele. O carimbo dizia que havia sido enviado pouco depois de sua surra. Sem dúvida o abusador já sabia onde encontrá-lo, mas então ainda não.

Tirando suas únicas calças de vestir pretas, Daniel tentou decidir se uma jaqueta esporte seria necessária. Conhecia o The Grog and Gallery e requeria roupa casual, então pensou em seu suéter cinza de gola V, com uma camisa branca de etiqueta estaria perfeito. Soprou pensando em levar gravata. Nunca teve uma, mas inclusive se a tivesse, não teria nem idéia de como atá-la.

Depois de vestir-se, olhou-se no espelho. Pensou em recolher seu cabelo em um rabo – de - cavalo, mas sabia que Tony o preferia solto. Não tinha muito mais tempo. Seu cabelo estava bem para o trabalho mas não para sair com um dos sócios do Tony. Daniel escovou seu cabelo até que o fez brilhar a luz do banheiro, antes de colocar-se uma pequena quantidade de colônia. Acabando, olhou o relógio. Ainda tinha aproximadamente uns dez minutos antes que Tony chegasse.

Voltando para dormitório, recolheu o envelope, sentindo o peso em suas mãos. Fotos, pelo peso e o tamanho, tinha que conter fotos. Pensou no que não sabia e isso lhe preocupou menos. Decidido, levou o pacote abaixo para jogá-lo fora. Levantou a tampa do cubo de lixo e acabava de colocá-lo entre as bolsas quando sentiu que chegava o carro do Tony. Fechando a tampa rapidamente, Daniel ensaiou um sorriso em sua cara e tentou acalmar seu coração que corria.

—Estou preparado — gritou ao Tony que saía de seu carro — Somente me deixe agarrar uma jaqueta e me lavar as mãos.

Daniel girou e o esquivou detrás da casa, antes que Tony pudesse alcançá-lo. Lavou rapidamente suas mãos e agarrou sua jaqueta do armário da entrada. Quando pôs o alarme e saiu da casa, Tony já estava no carro outra vez. Chegando deu a volta para o Tony.

—Infelizmente não estava preparado quando chegou. Pensei que seriam outro par de minutos. Tony pareceu estudá-lo uns momentos.

—Está fantástico.

—Obrigado.

Daniel passou seus dedos pelo cabelo.

— Não estava seguro se atá-lo ou deixá-lo solto.

Tony estendeu a mão e tocou as pontas de seu cabelo.

— É perfeito como estás — um beijo lhe seguiu logo e Daniel se derreteu contra o calor do Tony.

Nunca se cansaria de beijar a este homem. Nunca tinha pensado que os beijos o alterariam, mas se tinha equivocado. O sentimento dilacerador de abrir-se dessa maneira a um amante, tirou-lhe o fôlego.

— Está bem? — perguntou Tony, rompendo o curso dos pensamentos ao Daniel.

— Sim. Justamente pensava em como desfrutava sendo beijado por ti.

— Bom, te acostume a isso — disse Tony com uma piscada e saiu do caminho — estou desejando que te encontre com o Jace. É um grande tipo, e cheguei a pensar nele como um amigo durante os anos que trabalhou para mim. Não consigo vê-lo muito, mas tenho a esperança que isso trocará. Por volta do final da tarde, espero ter a um novo vice-presidente.

— Então já o decidiste?

Daniel se sentiu um pouco incômodo com o sorriso na cara do Tony, quando falou de seu amigo. Talvez eles tivessem sido mais que amigos, naquelas estranhas ocasiões quando Tony tinha ido a Dallas durante um dia ou o fim de semana?

Perguntou-se se o fariam agora que Jace aceitou o trabalho e se mudou à cidade. Antes de dar-se conta já tinham chegado ao hotel.

Daniel começou a abrir a porta quando Tony o deteve.

— Aonde vai?

Daniel assinalou para o assento traseiro.

— Assumi que queria que Jace sentasse contigo na frente.

— Jace não é meu parceiro, você é. Fica onde está, mas poderia puxar um pouco para frente o assento. Jace é um tipo alto — Tony cabeceou para a janela do Daniel.

Quando Daniel se deu a volta para ver o que Tony olhava, viu seu próprio destino. Jace era tudo o que ele não era. Levando um traje caro, Jace parecia pecaminoso, com o cabelo cor castanho escuro cortado em um estilo profissional, o homem exsudava poder.

Daniel olhou abaixo, para si antes de fechar seus olhos. Nunca poderia competir com ele, não tinha a altura, o dinheiro ou a beleza que tinha Jace. Enquanto a porta de atrás se abria, Daniel se afundou no assento. Queria só dizer ao Tony de que o levasse para casa?

— Deve ser Daniel — disse Jace, oferecendo ao Daniel sua mão entre os assentos dianteiros.

Daniel olhou ao Tony lhe pedindo permissão antes de estreitar a mão de seu amigo. Tomou a risada do Tony e a cabeçada leve como sua aceitação. Estendendo a mão, Daniel tentou devolver o apertão firme das mãos do Jace. Ao final, Jace era até mais atrativo que no primeiro pensamento. Daniel podia sentir como as lágrimas picavam em seus olhos.

— Tony não parou que falar de ti, desde que o encontrou em seu estúdio.

Jace liberou sua mão e se sentou atrás em seu assento.

Assim que se retirou do tráfico, Tony alcançou e sustentou a mão do Daniel, enquanto se dirigia ao Jace sobre a cidade. Indicou-lhe várias áreas de interesse em seu caminho ao restaurante.

Daniel nem podia olhar ao Tony, envergonhava-se tanto. Tony estava magnífico, seguro que se merecia há alguém muito melhor que ele.

— Daniel? — perguntou Tony, dando um apertão a sua mão.

Foi então que se deu conta que tinham estacionado e que Jace estava de pé diante do carro.

— Sinto-o — se desculpou — pensava em outras coisas.

— Está bem amor?

— Prometo que não o envergonharei — Daniel se separou e saiu do carro. Alisou as rugas de sua velha roupa e andou detrás do Tony e Jace para o restaurante. Algo lhe dizia que ia ser uma noite

muito longa.

CAPÍTULO NOVE

Daniel se manteve afastado enquanto Tony se dirigia à garçonete. Conteve-se, olhando a postura confidente de ambos os homens.

—Preparado? — perguntou Tony, pondo uma mão nas costas de Daniel.

Cabeceando, Tony conduziu a sua mesa. Foram sentados ao lado das janelas que passavam por cima do lago. Ao menos teria algo em que ocupar seu tempo enquanto os homens falavam de negócios.

Depois do pensamento, Tony e Jace começaram a falar de estratégias para a empresa. Daniel se desculpou e se dirigiu aos serviços. Necessitava ir, mas o que mais necessitava era manter suas emoções mais controladas. Não era que Tony o excluísse, de fato ao contrário. Eles tentaram lhe incluir em sua conversa, e Tony tinha mantido uma proprietária mão sobre sua coxa desde que foram sentados na mesa.

Daniel sabia que seu problema estava de fato, na imagem dos dois juntos. Era tão devastador olhá-los e pareciam compartilhar os mesmos interesses. Olhou-se no espelho quando lavou as mãos. No passado as pessoas lhe haviam dito que era atraente, mas Daniel não podia vê-lo.

Sacudindo-as mãos, alcançou uma toalha de papel. Jogando uma olhada no espelho uma vez mais, viu as manchas de água em seu suéter onde se apoiou sem querer contra a pia. Rodando seus olhos, Daniel suspirou.

—Perfeito, poderia fazer-se um pouco pior minha noite?

Aproximando-se de sua mesa, Daniel descobriu que se aproximava outro homem. Daniel se manteve afastado inseguro da nova chegada.

—Bem, quem imaginaria lhes encontrar aos dois aqui — disse o homem loiro.

—O que quer? — perguntou Tony, de pé.

—Sempre soube que no segundo que se reunisse que eu estava fora desse quadro — o tipo loiro olhou ao Jace de cima e abaixo antes de lhe estender a mão.

—Olá, Jace.

Daniel não conhecia este tipo, mas tinha o pressentimento de que era um ex do Tony. Elogiou grandemente ao Jace quem não fez caso da mão levantada. Daniel olhou ao Tony que olhava para ele.

—Em realidade, Christian, este é o amor de minha vida — Tony ofereceu sua mão ao Daniel.

Tragando o nó em sua garganta e mordendo o lábio, tomou a mão do Tony.

—Este é Daniel Willis.

—Tem que estar brincando — Christian riu. Fez sinais para ele e continuou — Jogou fora o que nós tínhamos juntos, por isso? O que? Vá, ligou no distrito dos bairros baixos?

Daniel saltou quando o punho do Jace foi parar diretamente na mandíbula do Christian, a perfeita cabeça loira caiu para trás. O corpo inteiro do Daniel se esticou esperando a vingança de Christian.

Esfregando sua mandíbula, Christian entrecerrou seus olhos.

—Ah, então isto é assim? — olhou ao Tony e Jace com um sorriso satisfeito. — Nunca tomei por um tipo de trios. Se o tivesse sabido, poderia lhe haver incluído na diversão faz muito tempo.

Pondo um braço ao redor do Daniel, Tony gesticulou para a porta.

—Vamos.

Daniel olhou como a mandíbula do Tony rangia com a tensão. Com a cabeça baixa, Daniel permitiu ao Tony conduzi-lo fora do restaurante. Ouviu o Jace pedindo perdão à garçonete. Assim que estiveram fora, Tony girou ao Daniel entre seus braços e o beijou.

— Isto foi lamentável. Está bem?

— Estou bem — sussurrou consciente de que Jace estava de pé diretamente atrás deles.

Tony o olhou vários segundos antes de colocar outro beijo sobre sua frente e andar para o carro. Quando Tony começou a abrir a porta do passageiro, Daniel sacudiu sua cabeça.

— Sentarei atrás. Os dois têm que terminar de falar e desta maneira será mais fácil.

Tony sacudiu sua cabeça.

— Besteira, tu sentas na frente comigo. Pensei que talvez pudessem voltar ao hotel e jantar ali — Tony olhou ao Jace — Lhe parece boa idéia?

Jace riu.

— Sim, depois de fazer de idiota ali dentro, estou um pouco surpreso de não ter perdido o trabalho — Jace abriu a porta de atrás e encaixou seu alto corpo no assento.

Uma vez que estiveram todos no carro, Tony se deu a volta no assento para o Jace.

— Perder o trabalho — riu em silêncio Tony — Justo uniu com cimento sua posição na empresa. A proteção é o número um das habilidades necessárias em um vice-presidente.

— Obrigado Tony. Honra-me aceitar sua oferta.

Depois de jantar, Tony se desculpou e se foi aos serviços, deixando só ao Daniel com o Jace pela primeira vez.

— Não há nada entre nós — comentou Jace — Nunca o houve e nunca o haverá.

Daniel estudou ao Jace até que Tony voltou. Acreditou-lhe, era o essencial, mas Jace era só a metade da equação. Depois do que Christian havia dito, Daniel se perguntou se Tony tinha levado algum sentimento em seu coração por Jace durante esses anos.

Quando Tony colocou o cheque, Daniel notou a tensão em seus ombros. Da volta dos serviços, Tony parecia ter algo mais em sua mente. Daniel se perguntou se teria inclinado-se muito perto de Jace enquanto o estudava, ou se Tony finalmente tinha compreendido que não havia comparação entre eles. Jace sempre ganharia se Daniel competira com ele. Não podia esperar para afastar-se do Jace e pedir perdão ao Tony, por isso tinha feito para transtorná-lo. Uma vez no carro, Tony pareceu retrair-se a seu próprio espaço. Manteve uma mão sobre o Daniel, mas não ofereceu nenhuma conversa.

Daniel teve vontades de gritar. Isto não era definitivamente bom. De algum modo, em uma tarde, tinha conseguido estragar a melhor relação de sua vida. Tinha tido esperanças tão altas que todo seu trabalho com o Joe fazia uma diferença. Joe lhe tinha feito ver que o amor do Tony era verdadeiro, apesar da carência de disciplina em sua relação. Agora, do olhar na cara do Tony, Daniel podia ver que o decepcionou. Bem, no clube o tinha decepcionado. Teria que ter comprado um traje e ter feito um corte de cabelo apropriado para este jantar de negócios. Sua própria falta de preparação tinha envergonhado ao Tony diante de seu antigo amante. Tão logo se deteve o carro na garagem, Daniel já estava fora e abrindo a porta da casa. Teclando o código no alarme, Daniel tentou escapar a seu dormitório.

— Daniel — chamou Tony, da entrada — acredito que tenho que falar contigo.

Parado a metade de caminho na escada, Daniel se congelou.

— Sinto muito. Não pensei te envergonhar.

— O que? — Daniel ouviu o movimento e em uns segundos, Tony estava de pé atrás dele.

— Gira, amor.

Tentando piscar a corrente de lágrimas, Daniel se deu a volta. Surpreendeu-se de encontrar-se nesta posição, à mesma altura que Tony. Imediatamente olhou para seus pés, incapaz de encontrar a decepção nos profundos olhos escuros do Tony.

Tony colocou suas mãos a ambos os lados da cara do Daniel e inclinou sua cabeça.

— Nunca, jamais, pense que me envergonha. Você faz minha vida merecedora de vivê-la. Sinto o que se passou no restaurante. Christian é um asno. Algo me diz que sempre foi, mas levei anos

para entender.

Cortando a distância, Tony cobriu os lábios do Daniel com os próprios e varreu sua língua através do Daniel.

—Amo-te.

—Eu também te amo.

—Mas isto não é pelo que queria falar contigo — Tony girou e conduziu ao Daniel escada abaixo ao sofá.

Quando se sentou notou o envelope branco que tinha atirado antes, na mesa. Fechando os olhos, tentou concentrar-se na respiração.

Tony se sentou a seu lado e atirou dele contra seu peito.

—Temos que falar sobre o elefante branco que está parado entre nós.

Daniel abriu os olhos quando Tony alcançou e recolheu o envelope.

—Não abri isto, mas algo me diz que conhece o que é e o que contém.

Daniel não podia dizer nada. Simplesmente cabeceou, mordendo com preocupação seu lábio.

—Chamei o Joe do restaurante e lhe perguntei o que fazer com isso. Sugeri-me que dirigisse a ti. Espero conseguir que chame a polícia.

Daniel imediatamente se esticou, e Tony tentou lhe transmitir calma com seu abraço.

—Joe sugeriu que chamássemos aquele detetive que ajudo tanto ao Rocco quando foi atacado.

—Não! — Daniel gritou e se foi do sofá. Correndo pelas escadas recusou girar e olhar ao Tony quando o chamou. Entrando no quarto de banho, girou a chave e se afundou de joelhos sob a água quente.

Abandonado com a boca aberta abaixo nas escadas, Tony passou as mãos por seu cabelo e tirou o celular.

—Olá?

—Oi, Joe, sou eu. Estraguei tudo.

—O que aconteceu? — perguntou Joe, escorregando um tom profissional em sua voz.

—Fiz o que falamos. Perguntei-lhe sobre o envelope, que lhe vi por no lixo, e logo sugeri que chamássemos o detetive. Foi enlouquecido, Joe. Não podia afastar-se de mim o bastante rápido e agora se encerrou no quarto de banho. Ouço correr a água, mas não acredito que tivesse pressa por tomar uma ducha.

Joe pareceu pensar uns minutos.

—O primeiro que tem que fazer é chegar ao quarto de banho e te assegurar que está bem. Espere-me um segundo, estou a caminho.

Tony desligou e jogou o telefone com sua jaqueta ao chão. Afrouxando o nó da gravata, suspirou e se dirigiu à escada. Fora da porta do quarto de banho, com o coração apertado, ouviu os soluços atormentados do Daniel por cima do som da água corrente.

—Daniel — gritou tão forte como pôde — Daniel, me deixe entrar.

Quando os sons dos gritos não diminuíram, Tony se apartou e deu patadas à porta ao lado da fechadura. A porta voou aberta e golpeou a parede de detrás dela. Tony ouviu o Daniel dar um ofego assustado quando avançou pelo quarto. Deslizando a porta da ducha, Tony encontrou ao Daniel amontoado no canto, sua pele vermelha pelo vapor da água. Estendendo a mão, Tony rapidamente desligou a água e agarrou uma toalha.

Aproximou-se com cuidado ao Daniel e abrigou a toalha ao redor de seu corpo nu. Com medo a dizer algo, Tony se sentou no chão da ducha e atirou ao Daniel a seu regaço. Lhe balançando para frente e para trás, tentou tranquilizar ao Daniel com carícias e beijos. Uma vez que Daniel estava mais tranqüilo, Tony se levantou com ele ainda em seus braços e o levou ao dormitório. Retirando as cobertas, pôs ao Daniel sobre seu lado da cama.

—Joe está a caminho.

Tony se deu conta que ele também estava a ponto de chorar. Maldição. Se Daniel falasse com ele. Ajoelhou-se no chão e descanso seus antebraços na cama para poder olhar ao Daniel.

—Sinto tanto. Parece que passamos nos desculpendo muito tempo. Se só soubesse como te estender minha mão — Tony sabia que falava mais para ele que para o Daniel neste ponto.

Tocou o timbre da porta através da grande casa e Tony olhou para o corredor.

—Vou deixar entrar no Joe. Sei que comigo não falas, mas talvez falar com ele te ajude.

Daniel não abriu os olhos. Tony olhou como correntes de lágrimas silenciosas seguiam gotejando da ponta do nariz do Daniel, para aterrissar no travesseiro. Deu-lhe um último beijo ao Daniel na bochecha antes de ficar de pé.

—Estarei embaixo se precisas de mim — desejou a Deus que Daniel o pedisse.

Passaram duas horas até que finalmente Joe desceu as escadas. Tony se levantou de um salto e se agarrou à escada.

—Está bem?

O cabelo do Joe estava totalmente desordenado, suspirou.

—Penso que isto, é definitivamente um passo atrás. Está dormido.

—Não posso acreditar que o enfrentasse assim.

—Não é que o enfrentasse. Isto é por si mesmo e tudo o que representa. Daniel sabe o que tem que fazer mas tem medo.

—Não me preocupo com o maldito envelope. Somente desejo que dirija-se para mim, inclusive se nunca denuncia quem quase o matou. Há muitos mistérios e tenho medo de fazer ou dizer algo que lhe faça mal.

—Sinto-o Tony. Penso que a única coisa que pode fazer é amá-lo e tranquilizá-lo custe o que custar. Só quando se sentir seguro se abrirá. Tem medo de te repugnar — Joe se parou e olhou ao Tony uns segundos — Tem que te assegurar de que o querará independentemente do que poderia averiguar. Se não o quiseses ou o afastas, o matará.

—Sei o que quero, e dorme em minha cama —Tony andou para a porta — Obrigado por deixar tudo e vir.

—Isto é o que os médicos fazem — Joe sorriu abertamente e colocou o casaco.

—Daniel é afortunado por te ter — disse Tony, dando ao Joe um abraço amistoso.

—Poderia dizer o mesmo sobre ti.

Tony fechou antes de pôr o alarme. A primeira coisa que fez foi encerrar o envelope na caixa forte da parede. Não projetava abrir o correio do Daniel, mas se Daniel alguma vez o pedia, necessitaria como evidência. Deslizando-se na cama, Tony se sentiu aliviado quando Daniel imediatamente procurou seu calor. Com o Daniel acurrucado em seu abraço, Tony passou várias horas repassando os acontecimentos do dia, e tentando decidir seu seguinte passo.

CAPÍTULO DEZ

A sensação da mão do Tony percorrendo de cima abaixo suas costas o despertou na manhã seguinte. Não querendo fazer frente ao dia, Daniel se aconchegou contra Tony. Tinha que explicar muitas coisas sobre seu monstro, mas por agora, só queria desfrutar da calidez do Tony e seu corpo nu.

—Bom dia — sussurrou Tony beijando o ombro do Daniel.

—Pela manhã — respondeu Daniel, sua voz desce pelo peito do Tony. Depois da conversa que tinha tido com o Joe, Daniel sabia que ele tinha que abrir-se ao Tony ou ia perdê-lo. Sim, como não seria ter uma oportunidade ainda maior para contar seu passado.

—Tenho que te dizer algo — disse Daniel. Ele se inclinou para trás para apoiar a cabeça sobre o braço do Tony — Quando falamos a respeito de meu pai, disse-te que fez disposições para mim

antes que ele se matasse.

—Sim — disse Tony.

—Se reuniu com um matrimônio que encontrou online. Falou com eles a respeito de mim, e perguntou se estavam dispostos a seguir me cuidando do mesmo modo que ele cuidava de mim — Daniel lambeu seus lábios. Tomou uma respiração profunda antes de continuar — Pensou que estas pessoas me tratariam como um filho, mas em lugar disso, eu não era mais que um mascote, acreditado. Papai não sabia, mas eles estavam realmente integrados em todo a cena do S&M.

Tony se assustou quando Daniel começou a limpar as lágrimas de sua cara, não era consciente do que fazia.

—Não quero entrar em tudo o que aconteceu, talvez nunca o faça, mas tu merece saber como terminei aqui. A esposa do Ronald, Vivian, sempre esteve com ciúmes pelo tempo que Ronald passava comigo. Quando fiz dezoito anos, ela insistiu em que me enviasse para fora. É por isso que fui à universidade. Meu pai tinha deixado uma disposição em seu testamento que, quando me fizesse adulto eu poderia herdar o pouco que ele tinha deixado e começar minha vida como um adulto. Ronald me ajudou a entrar na universidade. Eu não voltei a vê-lo até o dia de minha graduação. Surpreendeu-me quando apareceu, e me envergonhei um pouco. Eu não sabia como explicar nossa relação aos poucos amigos que tinha feito. Foi à última vez que o vi.

Tony se apoiou em seu cotovelo e olhou abaixo para o Daniel.

—Então as coisas em seu apartamento, e a escola não tem nada que ver com ele?

—Não — disse Daniel. Ele não estava disposto a ir mais longe à história, e ele suspeitava que Tony soubesse.

Tony seguiu olhando-o durante vários minutos. O mais provável é que estivesse tratando de digerir tudo o que Daniel lhe havia dito. Por último, inclinou-se e o beijou.

—Obrigado por me dizer isso.

Apesar do sorriso, Daniel podia dizer que Tony estava molesto.

—Não quis te zangar.

Tony o beijou outra vez, esta vez tendo tempo para prová-lo.

—Não estou molesto contigo, carinho, a não ser justamente com a situação que viveu. Preciso algum tempo para processá-lo.

—Ah, bem.

Daniel sob a mão e percorreu o pênis flácido do Tony, ficou feliz quando esse começou a endurecer-se enquanto o acariciava.

—Tem tempo? — perguntou.

—Sempre tenho tempo para ti.

Sorrindo, Daniel seguiu acariciando o pênis e os testículos do Tony, enquanto este lambia pouco a pouco os mamilos do Daniel. Ele sabia que havia muitas coisas que fazer, e este era o primeiro passo. Tony gemeu e alcançou uma camisinha e o lubrificante.

—Vais montar me esta vez?

—Ah, sim — sorriu abertamente Daniel ao redor do mamilo do Tony. Ele se sentou escarranchado sobre o torso do Tony sem soltar o mamilo marrom escuro. Um dedo da mão lubrificado começou a rodear o buraco, afrouxando seus músculos, antes que um comprido dedo se introduzisse lentamente. Daniel aspirou mais dificilmente. Foi positivo já que Tony teria o chupão maior de sua vida enquanto era estirado. Daniel fechou seus olhos e desfrutou do sentimento de segurança que ele conseguia com Tony. Nunca tinha pensado antes que ele desfrutaria do sexo sem...

—Estás preparado? — perguntou Tony, interrompendo os pensamentos do Daniel. Com uma cabeçada, Tony rapidamente rasgou e abriu o pacote de alumínio com os dentes, e desenrolou a camisinha.

A contra gosto, deixou o mamilo machucado do Tony e se inclinou para trás. Daniel se içou e baixou lentamente a si mesmo, sobre o pênis do Tony. Imediatamente sentiu a onda expansiva de prazer subir trabalhosamente por suas costas, quando seu corpo tragou o eixo grande do Tony.

—Tão bom — gemeu uma vez, quando teve seu traseiro sentado firmemente sobre a virilha do Tony.

Movendo seus quadris em pequenos círculos, Daniel sorriu a Tony.

—Eu adoro a maneira em que se sente dentro de mim.

Tony gemeu e empurrou para cima.

—Nem a metade do que eu adoro estar aí.

Daniel colocou de novo seus pés e começou a içar-se e baixar sobre o pênis do Tony. Sua própria ereção livre entre suas pernas, quando Tony lambeu seus lábios. Olhou para baixo e a pele morena do Tony foi salpicada com umas gotas diminutas de pré-sêmen.

—Por favor, me toque — grunhiu Daniel quando ele se empalou uma e outra vez.

Quando os dedos largos e grandes se envolveram ao redor de seu pênis, Daniel esteve seguro de que estava no céu. Empurrou seus quadris para diante e para trás a si mesmo, e empurrando-se até o punho do Tony.

—Não é suficiente — grunhiu Tony e trocou as posições sem sair do corpo do Daniel. Logo foi Tony quem bombeava entrando e saindo do Daniel a um ritmo assombroso. Posicionando as pernas sobre os ombros do Tony, Daniel acariciou seu pênis ao ritmo do Tony.

—Logo — ofegou Tony.

—Sim — Daniel arqueou suas costas quando disparou o sêmen de seu pênis. Sentindo golpes de cálidas gotas ao longo de seu estomago e peito, enquanto Tony se enterrava tão profundamente como era possível.

—Daniel — uivou Tony ao teto.

Ouvindo o eco de seu nome através do quarto, Daniel sentiu uma imensa sensação de paz estendendo-se sobre ele. Certamente se Tony tivesse estado aborrecido com ele depois do que lhe havia dito antes, não teria sido capaz de fazer amor com ele. Suas pernas se deslizaram dos suados ombros de Tony para envolver-se ao redor de sua cintura. Com um grunhido final, Tony se derrubou em cima dele. Daniel enterrou sua cara no pescoço do Tony sentindo-se verdadeiramente amado.

Depois de tirar a camisinha e recuperar o fôlego, Tony beijou a frente do Daniel.

—Tenho que levar ao Jace ao aeroporto esta noite. Você gostaria de ter em casa um jantar tardio ou quer te adiantar e jantar antes de chegar a casa?

—Não, te vou esperar. Quero tratar de terminar meu projeto de todos os modos. Isto me dará uma boa desculpa.

—Por que não vê se Rocco pode ficar contigo?

—Sim, eu poderia fazê-lo. Vai no sábado para a casa do Joe jogar pôquer?

—Como sabia que tinham me convidado para jogar? — Tony lhe empurrou nas costelas.

—Rocco me disse isso. Parece que perdeste os dois últimos jogos de pôquer por mim. Ouviu falar com o Joe e Demitri sobre isso. Rocco pensou que eu deveria saber isto.

—Posso jogar pôquer em qualquer momento, mas o tempo que estou contigo é o mais importante.

Daniel riu. Gostava de ouvir que Tony desfrutava de seu tempo juntos tanto como ele fazia.

—Realmente não penso ir a nenhuma parte. Penso que posso te dar uma noite a cada par de semanas, além disso, penso trabalhar com o Rocco em seu estúdio enquanto você joga.

Tony sorriu abertamente.

—Bem, bom. Vou ver meus amigos e estarei perto de ti em caso necessário para ter um beijo durante a noite.

—Pode ter tantos quanto necessite — Daniel beijou ao Tony, gemendo quando sentiu o pênis do Tony endurecer-se contra seu quadril. Sabia que ambos seriam felizes passando o dia inteiro na cama, mas tinha uma aula em menos de uma hora e Tony tinha um novo vice-presidente para apresentar.

Baixou a mão e roçou o crescimento do pênis do Tony.

—Guarda isto para mim.

—Só para ti.

Daniel dava os últimos toques sobre seu projeto quando soou seu telefone celular. Depois de limpar-se rapidamente suas mãos, alcançou o outro lado da mesa de trabalho e o recolheu, rindo quando ele viu o nome do Tony.

—Oi! — respondeu ele.

—Olá amor. O tráfico é bastante mau, demorarei ao menos, uma hora mais para retornar à cidade.

—Bem, eu deveria ter terminado então. Rocco saiu para jantar com o Joe, mas está planejando retornar para me ajudar a carregar minha peça até o forno — Daniel estava olhando fixamente a escultura do Tony que tinha criado. Isto era malditamente bom se realmente o dissesse a ele mesmo. Somente esperava que isto terminasse bem.

—O que você gostaria que levasse para jantar?

—Não me importa, hambúrgueres estão bem para mim — Daniel ouviu algo no corredor fora de sua sala – de – aula — Oh, acredito que Rocco chegou. Vou deixar que te concentre em conduzir enquanto termino algumas coisas aqui.

—Amo-te — disse Tony.

—Obrigado. Amo-te, também — disse Daniel com um sorriso permanente em seu rosto. Pendurando o telefone ele girou esperando ver o Rocco. Só que não era Rocco.

—O que faz você aqui?

Ele estava de pé e apoiado mais longe na porta.

—Tenho estado esperando para te pegar sozinho por um momento — seu abusador avançou e Daniel começou a agarrar o telefone — Oh, não. Não — lhe tirou o telefone das mãos, segundos antes de lhe dar uma dura bofetada através da cara.

—O que é isto? — perguntou com voz cruel.

Daniel tragou quando recolheu a escultura do Tony.

—Destruí isto uma vez. Realmente é bastante estúpido para pensar que eu te deixaria criar outra — a escultura foi lançada ao chão. Como o busto não tinha sido cozido, isso lhe fez pouco dano, salvo esmagá-lo em um lado. Isto pareceu zangar-se a seu abusador ainda mais. Começou a pisar muito forte sobre a escultura semelhante do Tony.

—Pára — gritou Daniel sem pensar.

Seu ex lhe olhou com os olhos entreabertos.

—O que acaba de me dizer?

Não esperou uma resposta antes de lhe golpear com o dorso da mão ao Daniel, o grande anel lhe cortou a pele sobre a maçã do rosto. Daniel se levou imediatamente a mão a sua cara quando sentiu como lhe corriam jorros de sangue pela bochecha e o pescoço.

—Sobre seus joelhos, moço.

Daniel automaticamente se ajoelhou. Logo que se deu conta do que tinha feito, fechou os olhos. Como podia trair ao Tony com isto?

—Deixará de ver o Tony Bianchi ou eu terei que te ensinar uma lição — disse o intruso, de pé sobre o Daniel.

Não estava seguro de se foi à vergonha ou a coragem, quando sacudiu sua cabeça.

—Não.

—Não, o que?

—Não, não deixarei de ver o Tony.

—Qual é a forma correta de dirigir-se a seu Amo, moço?

Daniel sentia como que ia vomitar.

—Você não é meu Amo! Você nunca foi! Tony me ama sem me fazer seguir ordens — Daniel esteve surpreso pela paz que aquelas palavras lhe trouxeram. Inclusive ajoelhado ante este idiota com o sangue correndo por seu pescoço, Daniel sentia o amor do Tony.

—Bem, moço, evidentemente não me ouve. Tem alguma idéia de todas as pessoas que conheço que podem fazer que Tony Bianchi desapareça sem deixar um rastro? É isto o que quer? A seu amante morto?

—Não — custasse o que custasse, Daniel nunca chamaria a esta merda de Amo. Morreria primeiro, e pelo olhar que lhe dirigia poderia estar mais perto do que pensava. Um murro ao lado de sua mandíbula golpeou ao Daniel e lhe atirou. Ele não se incomodou em levantar-se, somente rodou como uma bola e esperou o inevitável.

—Recorda o que te disse, desfaz de seu noivo, ou eu faço por ti.

Daniel ouviu o eco de passos como se andassem para a porta. Ele não se moveu, não sabia se ele inclusive poderia. Sua cara se sentia torcida e pensou que ele poderia vomitar.

Uns minutos depois de que seu abusador fora à esquerda, Daniel escutou abrir a porta. Preparou-se para outro ataque, mas em seu lugar escutou a voz do Rocco em seu ouvido.

—Que aconteceu...? — Daniel tratou de abrir seus olhos quando seu amigo se ajoelhou ao lado dele — É isto o que acredito que é?

—Shhh — sussurrou Daniel — Não pode contá-lo.

—Merda — disse Rocco. Tratou de amparar ao Daniel — Devo chamar uma ambulância?

—Não — Daniel tratou de sacudir sua cabeça — Somente necessito alguns pontos. Pode me levar a Sala de emergências?

Rocco o olhou por alguns segundos.

—Pode caminhar?

—Sim, me ajude — Daniel não podia menos que estremecer-se quando ficou de pé. Seu corpo não estava dolorido, mas cada movimento ampliava a dor de cabeça — Pode chamar o Tony e lhe dizer que vamos demorar um momento? Não lhe diga que vamos a Emergência. Somente se preocupará.

Rocco soprou.

—Sim como se ele não fosse notar que algo passou. Tem uma brecha de quatro centímetros sobre a bochecha, sua mandíbula já esta machucada e seu olho está se fechando de inchado. Sim, Daniel, estou seguro que ele não se dará conta.

Tony acabava de fazer seu pedido pelo caminho, quando seu telefone soou.

—Olá!? — respondeu inclinando-se para frente para responder pelo alto-falante.

—Oi! É Rocco. Escuta, houve algum problema e necessito que me escute. Prometi ao Daniel que eu não te diria onde estamos, mas não lhe prometi que te diria o porquê.

—Que diabos diz? — Tony se tornou com o carro a um lado.

—Quando cheguei à universidade antes, vi um homem sair do estúdio do Daniel. Realmente estava confuso e surpreso quanto o que fazia ali, até que entrei. Tony, Daniel foi atacado outra vez.

—O que? — Tony nem sequer esperou uma explicação. Saiu da estrada pisando na linha, e se dirigiu em direção do hospital — Como esta Daniel?

—Nada importante, alguns pontos no rosto.

—Disse que viu o atacante do Daniel. Reconheceu-o? — Tony se desviou para a entrada saindo do tráfico.

—Sim. Conheço tipo, Joe também.

Tony agarrou o volante com sua mão livre.

—Bem, me vais dizer isso

—Não, não até que chegue aqui. Chamei o Joe. Está a caminho também.

—Merda, Rocco, não brinques comigo sobre isto.

—Sinto muito, mas não posso. Não até que Joe esteja aqui para ajudar a te acalmar —Rocco desconectou a chamada.

Tony grunhiu e atirou o telefone sobre o assento do passageiro.

CAPÍTULO ONZE

Quando Tony chegou à sala de urgências, estava frenético imaginando o corpo destroçado do Daniel, como a última vez que o tinha encontrado depois da visita de seu atacante. Joe se reuniu com ele na porta de entrada e pôs suas mãos imediatamente nos ombros do Tony.

—Eles estão dispostos a dar alta ao Daniel. Agora, necessito que te acalme e me escute.

Tony tentou olhar ao redor do Joe na sala de espera.

—Bem, somente me diga quem fez isto.

—Eu não posso, não sei se Daniel lhe dirá isso — Tony começou a protestar, mas Joe o manteve agarrado — Estou de acordo que deve ser tratado, mas se ele te diz o nome de seu atacante, ele estará a caminho da sua cura.

Tentando tranquilizar as palpitações de seu coração, tratou de escutar Joe. Sabia que isto só danificaria a situação, se se apresentava diante de Daniel assim, mas tinha que saber. Seu temperamento italiano estava se esquentando com o passar dos segundos.

—Como ele esta?

—Bom, tendo em conta a situação. Não tive uma oportunidade de falar realmente com ele, mas Rocco me disse que estava tranquilo. Pensei que talvez nós pudéssemos voltar todos juntos para sua casa, e possivelmente organizar uma espécie de reunião.

—Do que está falando? — Tony escutava ao Joe, mas mantinha seus olhos sobre as portas de emergência esperando a aparição do Daniel.

—Daniel deve saber que as pessoas que o querem se manterão ao seu lado custe o que custar. Penso que o modo mais fácil de fazê-lo é que nos diga estando todo o presente.

—Sim, bem — Tony assentiu distraído. Tudo o que ele queria era estar lá dentro — Posso ir ver como está ele agora?

Joe assentiu levemente e o soltou. Tony esquivou de seu amigo e se precipitou até o balcão de informação. Disseram-lhe que Daniel necessitava de suturas e que quando acabasse o médico lhe daria alta. A enfermeira então lhe disse que tinham chamado à polícia como era a prática do hospital para informar os de todos os assaltos. Tony assentiu e caminhou de volta ao lado do Rocco e Joe.

Rocco foi e se reuniu com o Tony a metade de caminho.

—Algo novo?

—Deveria estar aqui daqui a pouco. O hospital chamou à polícia pelo que aconteceu, deverão estar aqui para obter um relatório em qualquer momento.

Rocco jogou um olhar ao Joe. Tony pensou que algo suspeito estava ocorrendo.

—O que?

Joe sustentou sua mão.

—Tratarei de entreter a polícia na porta.

—Que merda está acontecendo aqui? — Tony virtualmente gritou sem emprestar atenção às demais pessoas na sala de espera.

Joe puxou ao Tony pela manga do casaco e o levou fora pelas portas trilhos ao ar fresco da

noite.

—Não te direi quem é, mas te direi isto. O tipo que fez isto a Daniel é um policial.

—O que! — ao Tony pareceu que recebia um murro no estômago — É por isso que não o há dito a ninguém? Não se dá conta que os policiais não estão por cima da maldita lei?

—Não sei por que ele não há dito a ninguém, não estou tão para dentro de sua cabeça ainda. Posso te dizer que provavelmente há mais coisas. Igual a seu pai, este policial se encontra em uma posição de poder, não lhe perguntei ainda.

Joe e Tony, ao mesmo tempo, viram o carro patrulha no estacionamento, Rocco saiu pelas portas de cristal.

—Tony é necessário que fale com o médico sobre o cuidado das feridas antes que Daniel tenha a alta.

O olhar do Tony passou do Rocco ao carro patrulha. Por muito que desejasse falar com a polícia sobre um filho de puta tão doente, queria ver o Daniel. Olhou ao Joe.

—Pode lhes dizer o que sabe? Explica a situação do Daniel e lhes peça por favor que vão embora quando terminem. Lhes diga que levaremos Daniel à delegacia de polícia dentro de umas horas.

—De acordo, tentarei.

Tony deixou ao Rocco e Joe, que estavam parados enquanto entrava para dirigir-se ao doutor do Daniel. Quinze minutos mais tarde, Tony levou seu carro até as portas enquanto uma enfermeira tirava Daniel da sala de urgências. Joe acabava de lhe dizer que a polícia daria ao Daniel até a manhã para ir à delegacia antes de enviar um carro patrulha a casa.

Tony estava chocado uma vez mais pelo aspecto do Daniel. Embora não era tão mal como da última vez, ele não tinha amado ao Daniel. Bem, talvez já tivesse começado a apaixonar-se. Ainda recordava cada detalhe de sua primeira reunião no estúdio. O cabelo do Daniel estava preso em um rabo-de-cavalo frouxo, e ele levava jeans gastos, e uma camiseta vermelha manchada. Esquecendo de suas lembranças e se dirigiu para a enfermeira para ajudá-la a colocar ao Daniel no carro. Joe e Rocco tinham ido à frente, planejando parar e pegar algo para comer para Tony e Daniel. Uma vez que ambos se instalaram no carro, Tony se inclinou sobre o Daniel e lhe deu um suave beijo.

—Como se sente amor?

Daniel lhe surpreendeu com um sorriso.

—Sinto-me realmente muito bem. Certamente vais ter que olhar minha cara feia por um tempo, mas me curarei.

Tony não podia ter estado mais surpreso pelo humor de Daniel. Ele não estava seguro de se isto era pelo choque ou a negação, mas ele não era assim. Decidiu lhe deixar com seu humor agradável um pouco mais. Tony sorriu interiormente.

—Amo sua cara de qualquer forma que a tenha — deu outro beijo ao Daniel e se dirigiu a casa.

Não falaram muito durante o passeio, Daniel cantarolou algumas canções que escutavam na rádio, enquanto, Tony tratava de pensar que diabos estava passando.

Joe e Rocco esperavam na entrada quando chegaram a casa.

—O que estão fazendo eles aqui? — perguntou Daniel.

—Conseguiram-nos algo para jantar — Tony entrou na garagem. Depois de desativar o sistema de segurança, abriu a porta da rua para que entrassem seus amigos — Venham moços.

Rocco deixou a comida na cozinha.

—Somente tirarei alguns pratos. Vocês dois querem comer aqui ou na cozinha?

Tony olhou ao Daniel quem estava deitado no sofá.

—Quer comer na mesa?

—Claro, se me ajudar — Daniel estendeu sua mão, e Tony o atirou para cima e diretamente a seus braços.

Isto era a primeira possibilidade do Tony para conseguir um bom olhar da bochecha enfaixada do Daniel e suas contusões. Embora um olho estivesse inchado, o outro parecia estar ileso na sua maior parte. O machucado sobre a bochecha terminava justo debaixo da mandíbula do Daniel.

—Maldito seja, é muito bonito, esteja como está — Tony lhe acariciou o cabelo.

—Oh, certamente o diz a todos os homens — Daniel golpeou com a mão o braço do Tony de brincadeira.

—Não, você é o único — deu um beijo rápido ao Daniel antes de entrar na cozinha.

Ambos comeram seus hambúrgueres e batatas fritas enquanto Rocco e Joe conversavam entre eles, diante do Daniel e Tony. Logo que terminaram de comer, Tony estendeu a mão e agarrou a mão do Daniel.

—Está preparado para falar disso?

Daniel pareceu estudar as pessoas ao redor da mesa durante vários segundos.

—Estas decidido a arruinar meu bom humor, verdade?

—Este é um bom momento para começar — disse Tony, sustentando a mão de Daniel ainda mais apertada — Foste atacado, então por que estas de tão bom humor?

Ainda rindo, Daniel deu a razão ao Tony.

—Porque não me rendi. Pela primeira vez em minha vida, na realidade me defendi. Recusei lhe chamar Amo antes, e vi o que consegui, bem, recusei-o outra vez, e ainda estou aqui.

Depois de inteirar-se disto, Tony riu sem interrupções com ele.

—Sim, é verdade. E eu não poderia estar mais orgulhoso de ti neste momento. Bem, talvez isto não seja verdade. Penso que eu poderia estar ainda mais orgulhoso de ti, se me dissesse quem te fez isto, e me assegurar de que nunca o faça a alguém mais.

—Não acredito dele. Por alguma razão, pensa que lhe pertenço. Sabia que depois de nossa primeira “cena”, ele não era um verdadeiro Dom, que é a razão pela que me neguei a vê-lo de novo — Daniel olhou aos olhos do Tony — Você me ensinou que o amor pode ser suave. É uma experiência totalmente nova para mim, mas acredito que isto é o que prefiro.

—Por que pensa que este estúpido se deterá contigo? Inferno é possível que ele já o tenha feito a alguém mais. Se ele o tiver feito agora, não significa que o tenha feito no passado ou que o faça no futuro. O que lhe ocorrerá ao seguinte homem que trate de romper com ele? Como se sentirá se algum dia vê nas notícias que alguém morreu de uma surra como a que recebeu você?

Tony observou como Daniel começou a morder seu lábio e olhou a Joe.

—Pensa realmente que ele faria isto a alguém mais?

—Sim — disse simplesmente Joe.

Daniel tragou e olhou para o Tony. Levantando seus ombros, Daniel sentou-se mais reto e limpo sua garganta.

—É o Detetive Leo Warren.

—Quem? — Tony olhou ao Joe — De onde soa esse nome?

—Era o detetive que foi atribuído ao caso do Rocco — disse Joe. Os olhos do Tony se ampliaram, justo antes que ele ficasse vermelho de ira.

—Eu o matarei.

Levantou-se de sua cadeira tão rápido que esta caiu para trás, no chão com um golpe. Pelo canto de seu olho viu Daniel sobressaltar-se e começar a ocultar-se detrás da mesa, um olhar de completo terror em sua cara. Aquele olhar serenou Tony mais rápido que qualquer outra coisa. Ficou quieto e fechou seus olhos. Não, não podia solucionar este problema e encontrar por Daniel a Leo Warren para lhe dar um murro em sua cara. Precisava dar um passo atrás e decidir o que era melhor para ele e a relação com o Daniel.

Tomando uma respiração profunda, baixou sua cabeça e exalou.

—Sinto muito, carinho — disse quando caminhou devagar ao redor da mesa, para ajoelhar-se ao

lado do Daniel.

Daniel lhe olhou fixamente durante vários segundos antes de lançar-se nos braços do Tony. Este envolveu ao Daniel com todo o amor e a força que pôde lhe transmitir.

—Estou aqui. Não vou abandonar-te.

Tony jogou uma olhada por cima da cabeça do Daniel ao Joe e Rocco.

—Daniel? Quer falar com o Joe sobre como se sente, antes que ele parta?

Daniel sacudiu sua cabeça.

—Só te necessito agora mesmo.

—Bom o que queira carinho, estou aqui para ti — gesticulou “graças” ao Joe e Rocco, quando estiveram de pé e se dispuseram a partir.

—Me chame se me precisar — disse Joe, envolvendo seu braço ao redor do Rocco, quando deixaram a cozinha.

Tony colocou Daniel em seu regaço e se empurrou para trás, até que se apoiou contra a parede. Ficaria assim toda a noite se isto era o que Daniel necessitava dele. Sentindo as lágrimas empapar sua camisa, beijou o topo da cabeça do Daniel.

—Shhh, está bem.

Em algum momento mais tarde, Daniel levantou sua cabeça e limpou o nariz com uma ponta de sua camisa já sangrenta.

—Ele disse que te mataria.

—Warren? Não, ele vai estar muito ocupado com outros internos para tentar algo comigo — sorriu ao Daniel — Tem vontades de te trocar e dar um passeio à delegacia de polícia comigo?

Quando chegaram a casa, Daniel estava dormindo profundamente no assento de passageiros. Tony olhou o relógio e viu que era mais da uma da madrugada. Levantando Daniel do assento de passageiros, Tony o levou para dentro e pelas escadas. Pela primeira vez desde que Daniel tinha chegado a viver com ele, Tony não sentiu a necessidade de conectar o sistema de segurança. Em troca, concentrou-se em conseguir que seu amante estivesse metido em sua cama. Daniel despertou quando Tony o deixou na cama e começou a lhe tirar a roupa.

—Estamos em casa?

—Sim, estamos em casa — terminou de despir ao Daniel e lhe ajudou a deslizar-se sob os lençóis, antes de despir-se e entrar no quarto de banho. Quando esteve de pé sob o rocio quente da ducha, trato de não pensar no longo caminho que ficava. Daniel tinha estado fazendo um grande progresso com o Joe e o grupo ao que recentemente tinha se unido. Tony teria que assegurar-se que a investigação fora tão suave como fora possível.

A viagem à delegacia de polícia tinha sido dura para o Daniel. Tony o sustentou ao seu lado quando eles pediram falar com o Detetive Sweeney. Os olhos do Daniel percorriam o quarto como se ele esperasse que Leo Warren aparecesse a qualquer segundo. Quando finalmente foram recebidos pelo detetive, que introduziu-os em uma habitação privada onde ele poderia tomar a declaração do Daniel. Tony não sabia se era normal ou não ter a alguém mais no quarto, mas Sweeney lhe deixou ficar, sentindo o estado frágil do Daniel.

Estava orgulhoso do Daniel quando contou o que tinha ocorrido anteriormente na noite. Daniel começou a vacilar quando lhe perguntou o nome de seu agressor, mas depois de olhar ao Tony deu ao Sweeney o nome de Leo Warren. Tony seguiu acalmando ao Daniel, lhe passando uma mão acima e abaixo pelas costas, quando se viu obrigado a reviver os detalhes do ataque em seu apartamento. Tony teve que seguir recordando-se que Warren pagaria pelo que fez. Seus instintos ainda pediam perseguir o Warren e cortar seu Pelotas. Depois de fazer sua declaração inicial, Sweeney perguntou se eles dariam um passeio à universidade com ele, e enviou a vários carros patrulha para recolher a Leo Warren. Tony recordou a cara do Daniel quando olhou fixamente à escultura arruinada. Sweeney surpreendeu a ambos por rir em silêncio.

—Idiota — disse tirando uma bolsa grande de provas de seu bolso. Uma vez que o detetive tinha colocado com cuidado o busto na bolsa, mostrou uma parte grande de argila — Vê isto? Tem uma opinião quanto às impressões digitais que vamos encontrar incrustadas nisso.

Tony e Daniel se inclinaram para diante e sorriram ao mesmo tempo. Ali, encaixada profundamente na base da figura, semelhante ao Tony, apareceu um rastro digital.

—O que passa com o ataque anterior? — perguntou Tony ao detetive.

—Não sei. Vou voltar sobre as provas, mas não temos nada concreto vinculando ele com o Sr. Willis, em seu antigo apartamento. Estou seguro de que com o testemunho do Sr. Willis, o fiscal do distrito apresentará cargos por queixa por ambos os delitos, mas ajudaria se tivéssemos provas reais.

De repente isto o golpeou. Tony e fechou a ducha. Não se incomodou de agarrar uma toalha, cruzando de uma pernada o caminho para a cama.

—Daniel? — Tony beijou a frente do Daniel, até que este abriu os olhos — Carinho necessito que me diga se posso abrir o envelope. Acredito que poderia ser importante para o Detetive Sweeney ver o que há dentro.

—Acredito que sei o que há dentro — murmurou Daniel — Em meu apartamento, quando Leo tinha me algemado à cama, ouvi clicks.

—Se esse for o caso, definitivamente temos que entregar para a polícia. Importa-te se o pego e chamo o detetive? Daniel sacudiu sua cabeça.

—Está bem, mas não quero vê-las. É bastante ruim ter que reviver tudo o que me fez Leo essa noite.

Tony podia ver que Daniel estava esgotado e alterado, então ele o acalmou do melhor modo que sabia. Subindo por cima do Daniel, Tony escorregou sob as cobertas e se amoldou seu corpo ainda úmido contra o calor do Daniel.

—Shhh, somente dorme. Vou cuidar de tudo.

Sentiu como a tensão abandonava o corpo do Daniel. Tony ao ser maior o sustentou. Quando a respiração de Daniel finalmente se compassou, Tony com cuidado saiu da cama e tirou um par de calças de pijama de sua gaveta. Saindo pela porta do dormitório e deixando uma pequena fresta, Tony foi a seu escritório. Abrindo a caixa forte, extraiu o envelope branco pelas bordas. Não estava seguro porque agora o dirigia com tanto cuidado, mas isto parecia à coisa mais normal a fazer. Pegou o telefone e chamou à delegacia de polícia.

Trinta minutos mais tarde, o Detetive Sweeney com olhar cansado bateu na porta.

—Obrigado por vir — disse Tony, retrocedendo a fim de que Sweeney pudesse entrar.

—Não há problema, estou no turno de noite. Simplesmente não posso me acostumar a esta mudança de turno.

O detetive seguiu ao Tony a seu escritório.

—Está ali — assinalou Tony para seu escritório — Daniel disse que estava bem abri-lo, mas não quis danificar nenhuma prova sobre esse idiota.

Colocando um par de luvas de látex, Sweeney recolheu o envelope.

—Você tem um abridor cartas? Se tivermos sorte Warren certamente o selou com sua própria saliva.

Tony alcançou através do escritório e abriu sua gaveta, extraindo uma lâmina larga de prata. Dando-lhe ao Sweeney, esperou. Uma vez que o envelope foi aberto, Sweeney viro-o sobre o escritório e esvaziou o conteúdo, cinco fotografias e uma breve nota. A nota parecia à mesma que estava grampeada no peito do Daniel! Embora não podia dizê-lo!

O detetive pôs a nota em uma bolsa de plástico, sacudindo sua cabeça.

—Para um detetive, Warren é um criminoso muito mau.

—Uhhh? — perguntou Tony.

—Escrito à mão — disse Sweeney com desprezo em sua voz — Algumas pessoas são muito arrogantes ou muito estúpidas para pensar que alguma vez serão apanhados —Sweeney sustentou as fotografias e examinou uma a uma antes das colocar em bolsas separadas. Depois de que as fotos estavam protegidas, falou para Tony — Eu não aconselharia olhar isto, mas você pode decidir.

Tony pensou neles durante vários segundos.

—Não obrigado, já vi os resultados finais. Somente me diga que pegará este tipo.

—Já está preso. Terei que entregar este material ao laboratório para que o analisem, antes que possa ir ao Promotor.

—Sairá sob fiança? — quão último Tony desejava era tratar com um psicopata às portas de sua casa.

—Realmente não o posso dizer. É coisa do juiz. Farei tudo o que possa, mas em última instância está fora de minhas mãos.

Tony o agradeceu e o acompanhou até a porta.

—Me chame se averiguar algo.

—Estarei atento, o prometo.

CAPÍTULO DOZE

Tony limpou o suor de sua frente quando desembalou o último dos computadores. Colocou o monitor sobre a pequena mesa de computador justo quando Demitri entrava na habitação.

—Wow, estiveste ocupado — brincou Demitri.

Olhando ao redor da habitação, Tony cabeceou. Até agora ele e seus meninos tinham instalado um computador em cada quarto dos dormitórios. Disse-lhes que se faria cargo de instalar os quatro computadores da sala de trabalho e os enviou a casa cedo.

—Este é o último deles.

—Não lhe posso agradecer isso o bastante. Bianchi Bytes realmente chegou a casa BK-Demitri tirou uma cadeira e se sentou — Estou destroçado.

—Deveria, trabalhaste sem parar as duas últimas semanas para conseguir que o lugar estivesse preparado para que os meninos se mudassem — disse Tony, avançando lentamente sob o escritório para começar a conectar cabos.

—Esse não é o modo de que tudo esteja sempre bem? Crê que tudo vai segundo o calendário previsto até que te dá conta de que há um milhão de pequenas coisas para fazer no último minuto. O contrato de aluguel de meu velho apartamento acaba em três dias e a não ser que queira que Liam fique comigo e com o Aaron, tenho que conseguir que este lugar esteja preparado.

—Isto está mais que preparado, é fantástico — Tony colocou sua cabeça debaixo do escritório — Deveria estar orgulhoso do que tem feito aqui, Demitri.

—Sim — envergonhado, Demitri se encolheu — Assim, um, qual é o trato com o Warren?

—Temos sorte, a criminalística encontrou bastante evidência de DNA para ir atrás dele por tentativa de assassinato — Tony sorriu. Só o pensamento do Warren atrás das grades se sentiu feliz — Deixa-o tentar ser o Amo de alguns tipos da prisão.

—Sabe que estaremos todos ali pelo Daniel no julgamento, verdade?

Isto esquentou o coração do Tony, o que podia dizer dos novos amigos que rodeavam ao Daniel?

—Obrigado.

—Quer isto aqui? — perguntou Daniel, pondo o vaso de barro com a planta ao lado da janela grande da cozinha.

—Sim, que se veja da direita. Agora só temos que nos assegurar que alguém se lembre de lhe colocar água — riu em silêncio Aaron.

Charlie entrou rindo na cozinha.

—Bom, acabo de terminar nossa última vaga, por isso estas fora do gancho, Rocco.

Rocco deixou sair um suspiro.

—Graças a Deus. Foi terrível para mim ter que usá-la — sorriu abertamente — Bom, não tão terrível que se considerar com quem vou viver em troca. Embora um dormitório cheio de homens fortes e gays realmente tem sua emoção.

—Ah, nenhuma conversa assim — disse Joe entrando na habitação. Todos riram do modo que Joe pôs seus braços ao redor do Rocco e beijou sua nuca.

Rocco olhou para trás ao Charlie.

—Assim, quem encontrou para ocupar meu lugar?

Charles esteve de pé com as mãos na suas costas. Daniel pensou que era na realidade surpreendente um homem desse aspecto. Era duro quando era necessário, mas era evidente que tinha uma verdadeira paixão por seu trabalho. Daniel tinha ficado surpreso nas últimas semanas de quão bem funcionava com o Charlie. Era cego, obviamente, mas ele nunca deixava de fazer o que queria.

—Pedi-me que não o anunciasse. O estudante ainda não se assumiu, mas sabe que seu tempo se acaba. Disse que estaria preparado quando se mudasse na semana que vem.

Todos outros no quarto olharam uns aos outros. Todos conheciam o que isto significava ainda quando Charlie não o houvesse verbalizado. O residente novo era definitivamente um atleta. Só os atletas tinham que chegar tão logo ao campus.

—Deixem de pensar com tanta força. Estão fazendo que me doasse à cabeça — brincou Charlie, saindo da cozinha.

—Bem, este definitivamente vai ser um ano interessante — declarou Aaron.

Com o Daniel acurrucado em seu regaço, Tony pensou que a vida nunca poderia ser melhor. O filme terminou e beijou o topo da cabeça loira do Daniel.

—Então agora que viu a série inteira, que te parece?

—Humm — disse Daniel quando se deu a volta para colocar pequenas lambidas sobre a mandíbula do Tony — Eu gosto mais das primeiras, são melhores. Uma vez Han Solo desaparece perde parte de seu atrativo.

Tony riu em silêncio.

—Penso que isso foi o acordo geral no âmbito mundial.

Tony inclinou sua cabeça para trás e se entregou ao jogo erótico do Daniel. Apesar de lhe dar espaço, Daniel trabalhou seu caminho para baixo em vez de ir para cima. A sensação da suave língua lambendo seus mamilos pôs ao Tony duro em questão de segundos. Quando Daniel escorregou até o chão, Tony separou as coxas, pedindo silenciosamente o que ansiava.

Sempre atento para tomar uma indireta, Daniel grunhiu, e se transladou mais adiante. Detendo-se só com sua imersão no umbigo, Daniel riscou rapidamente um quente atalho à virilha do Tony.

—Sente-se bem — gemeu Tony quando Daniel raspou com seus dentes ao longo dos testículos do Tony.

Daniel elevou a vista para ele e sorriu abertamente.

—Você gosta disto? — perguntou lambendo os testículos do Tony.

—O que você acha? — gemeu Tony e apontou para seu pênis gotejando. Daniel o surpreendeu indo mais para baixo no sofá até que finalmente o ânus do Tony estava pendurando no bordo. Sem perguntar, Tony envolveu com seus antebraços os joelhos e puxou para seu peito, expondo-se plenamente para o exame de Daniel.

—Mmm — Daniel gemeu, lambendo o caminho pela greta do ânus do Tony.

Tony agarrou seu pênis quando Daniel rodeou com sua língua o buraco franzido.

—Ah droga — gritou quando Daniel empurrou seu dedo ao lado de sua língua. Tinha passado muito tempo desde que tinha sido violado, mas o corpo do Tony tentou relaxar-se tanto como pôde para absorver a atenção ao mesmo tempo. Daniel colocou seu dedo dentro e fora do ânus do Tony utilizando como lubrificante sua saliva.

—Faz amor comigo — suplicou Tony. Eles tinham evitado esse tema desde a primeira vez que o tinha pedido, mas seu corpo era superior a sua força.

O dedo do Daniel se deteve e Tony abriu os olhos para olhar para baixo. Não estava seguro de si deveria desculpar-se, mas o olhar quente da cara do Daniel disse ao Tony que estava considerando a possibilidade.

—Terá que me ensinar como fazê-lo.

—Com muito gosto — disse Tony assinalando para o lubrificante e a caixa de camisinhas sobre a mesa baixa posta ali em sua ronda anterior.

Esticando-se, Daniel agarrou o tubo e lançou uma pequena quantidade sobre o ânus do Tony antes de estendê-lo com um de seus dedos. Sabia que Daniel não necessitava ajuda com esta parte. Tony tinha visto como Daniel estendia a si mesmo para saber que era um perito.

O lubrificante ajudou quando Daniel esfregou seus dedos ao redor do bordo do Tony antes de empurrar dentro. Estava a ponto de gritar por mais, quando Daniel introduziu um segundo dedo. Ohh sim, merda, tinha esquecido esse sentimento. Tony deixou de acariciar seu pênis, querendo correr-se com o Daniel dentro dele.

—Por favor — gemeu.

Daniel examinou seus olhos e retirou seus dedos, antes de olhar para baixo para seu próprio pênis. Os nervos sobre amar o Tony eram evidentes em sua ereção que rapidamente se havia desinflado. Tony rapidamente alcançou e agarrou uma camisinha e o lubrificante, e pôs um jorro na mão. Começou a acariciar o pênis do Daniel para lhe dar vida.

—Não esteja nervoso, amor. Deram-lhe este pênis por uma razão. Mostre-me como pode me fazer sentir bem com isso.

Daniel deixou de morder seu lábio e colocou a camisinha antes de colocar-se ele mesmo ante a abertura do Tony.

—Terá que me dizer quão rápido ir. Não quero te fazer dano.

Tony sabia que Daniel nunca lhe faria mal. Daniel pareceu lê-lo claramente. Não tinha dúvidas de que instintivamente Daniel saberia se ia muito rápido, mas cabeceou de todos os modos. Reforçou-se e soltou um fôlego lento quando a coroa do pênis do Daniel passou devagar empurrando o anel externo dos músculos. Tony sentiu espinhos ao redor de seu pescoço e notou como a dor rapidamente diminuiu ao puro prazer.

—Siii — assobiou.

Um olhar maravilhado apareceu sobre a cara de Daniel quando devagar empurrou até o punho. Uma vez enterrado, Daniel descansou sua frente sobre o peito do Tony.

—Isto não se parece em nada ao que alguma vez tenha sentido — sussurrou Daniel, colocando um beijo na pele do Tony.

—Ahh, somente espera amor, isto fica melhor — respondeu Tony girando os quadris.

Sustentando-se, Daniel agarrou a parte de atrás das coxas de Tony quando começou a mover-se. Fechando seus olhos, Tony se abrigou na sensação do corpo do Daniel finalmente dentro dele. Isto era tão bom como sabia que seria. Apesar de ser a primeira vez, Daniel sabia instintivamente como ir rápido e duro e gostou ao Tony.

—Não posso chegar suficientemente profundo — ofegou Daniel.

—Aqui, deixe me voltar.

Daniel se retirou e Tony imediatamente sentiu a perda. Rapidamente baixando ao piso, Tony se colocou com seu ânus ao ar.

—Me encha.

Apenas essas palavras estavam fora de sua boca, quando o pênis do Daniel se afundava por detrás dele.

—Sim — gritou Daniel. Os quadris do Tony foram agarrados apertado quando Daniel assumiu a paixão. Seguiu bombeando seu pênis no corpo do Tony a uma velocidade alarmante.

Alcançando-se, Tony agarrou seu pênis.

—Corro-me — grunhiu quando Daniel golpeou sua próstata uma e outra vez. Um entusiasmo viajou dos testículos do Daniel à ponta de seu pênis quando o calor cobriu sua mão e se disparou na manta. Sentiu a seu corpo sujeitar com braçadeiras ao redor do pênis do Daniel e ouviu o uivo de prazer quando esvaziou sua semente dentro dele.

O corpo do Daniel estava tenso por seu clímax, mas logo caiu sobre as costas do Tony. Tony se afundou ao piso. Depois de que o pênis do Daniel escorregasse livre, Tony rodou ao lado e o rodeou com seus braços.

—Wow — ofegou Tony quando Daniel tirou a camisinha usada.

—Sim.

Eles se concentraram em sua respiração durante vários minutos, tentando acalmar seu fôlego.

—Ah, Daniel, nunca senti nada tão bom em minha vida. Você é natural. Me prometa que nós podemos fazê-lo outra vez algum dia?

—Sim — disse Daniel, com a cara vermelha pelo louvor — Eu gostei também, mas ainda eu gosto mais receber.

—Bem, anoto-o — riu em silencio Tony. Não podia por em palavras, mas de algum modo se sentiu mais completo. Daniel finalmente ia contra toda sua educação anterior para tomar à dianteira e lhe fazer amor, cimentando seu futuro na mente do Tony.

Isto tinha sido uma alegria para testemunhar a viagem do Daniel em seu auto-descobrimento, não só com o sexo, mas também com sua vida diária. As sessões com o Joe e o grupo, faziam maravilhas no amor próprio do Daniel. Embora Tony soubesse que Daniel provavelmente necessitaria o apoio durante os anos vindouros, começava a ver a luz ao final do túnel.

Colocando sua cara no cabelo do Daniel, suspirou.

—Faria algo por mim?

—Claro, tem fome? — respondeu Daniel.

Tony riu em silêncio.

—Sim, mas não era isto o que eu perguntava. Recorda a escultura que admirei na primeira noite que te encontrei? A dos amantes entrelaçados juntos?

—Sim

—Você me faria uma sentada para a prateleira do escritório? — Tony pensou nos dois bustos arruinados que Daniel fez.

Decidiu que tinham muitos lembranças más associadas com isso para tentar recrear outros.

—Só se posso pôr nossas feições nela. Quando fiz à primeira, não tinha a ninguém, e então deixei os rostos em branco. Isso me põe triste quando penso nisso — Daniel inclinou-se em cima de seu braço para examinar os olhos do Tony — Se pusesse nossos rasgos faciais na escultura, você sempre lembraria de mim.

Tony puxou Daniel para trás para um beijo.

—Tenho notícias para ti. Penso que vai sendo hora de ver sua cara cada manhã quando me acordo.

—Ah — disse Daniel, sorrindo — Bem, então será um aviso de nossa juventude quanto sejamos tão velhos e enrugados.

—Que assim seja — disse Tony, beijando ao Daniel outra vez.